

**Mário Neme**



**UM MUNICÍPIO**  
**Agrícola**

**Aspectos Sociais e Econômicos  
da Organização Agrária de Piracicaba**

**Instituto  
Histórico e  
Geográfico de  
Piracicaba**

MARIO NEME

# UM MUNICÍPIO AGRÍCOLA

Aspectos sociais e econômicos da organização agrária de Piracicaba

Separata da  
REVISTA DO ARQUIVO  
Nº LVII

DEPARTAMENTO DE CULTURA  
SÃO PAULO — 1939

# **INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA**

**DIRETORIA (2010-2012)**

**PRESIDENTE**

**PEDRO CALDARI**

**VICE-PRESIDENTE**

**CEZARIO DE CAMPOS FERRARI**

**1º SECRETÁRIO**

**TOSHIO ICIZUCA**

**2º SECRETÁRIO**

**LUIZ NASCIMENTO**

**1º TESOUREIRO**

**VITOR PIRES VENCOVSKY**

**2º TESOUREIRO**

**JOÃO UMBERTO NASSIF**

**ORADOR**

**GUSTAVO JACQUES DIAS ALVIM**

**DIRETOR DE ACERVO**

**FRANCISCO DE ASSIS FERRAZ DE MELLO**

**SUPLENTES**

**ANTONIO MESSIAS GALDINO**

**VALDIZA MARIA CAPRANICO**

**CONSELHO FISCAL**

**ANTÔNIO ALTAFIN**

**FABIO FERREIRA COELHO BRAGANÇA**

**FELISBINO DE ALMEIDA LEME**

**ZILMAR ZILLER MARCOS**

**SUPLENTES – CONSELHO FISCAL**

**ELIAS SALUM**

**FLÁVIO RIZOLLO**

**GERALDO CLARET DE MELLO AYRES**

**ROSALY APARECIDA CURIACOS ALMEIDA LEME**

**TIMÓTHEO JARDIM**

MARIO NEME

# UM MUNICÍPIO AGRÍCOLA

Aspectos sociais e econômicos da organização agrária de Piracicaba

Separata da  
REVISTA DO ARQUIVO  
Nº LVII

DEPARTAMENTO DE CULTURA  
SÃO PAULO — 1939

N433m

Neme, Mário.

Um município agrícola: aspectos sociais e econômicos da organização agrária de Piracicaba / Mário Neme. – Piracicaba, SP: Equilíbrio, 2010.

108 p. 22cm.

Publicado com apoio da Secretaria de Ação Cultural de Piracicaba e do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba - IHGP

ISBN: 978-85-61237-32-5

1. Piracicaba – Agricultura – Aspectos sociais e econômicos. I. Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba. II. Secretaria de Ação Cultural de Piracicaba. III. Título.

CDU: 338.43 (816.12PI)

---



Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba  
Piracicaba – SP  
2010

COORDENAÇÃO EDITORIAL  
*Equilíbrio Editora Sociedade LTDA*

DIREÇÃO  
*Carlos Terra*  
*Gustavo Alvim*

CAPA  
*Genival Cardoso*

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA  
*Marcel Yamauti*

FICHA CATALOGRÁFICA  
*Rosângela Aparecida Lobo (CRB8 – 7500)*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO  
*Printfit Soluções*

## REIMPRESSÃO

O Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba tem por objetivo, conforme rezam seus Estatutos Sociais, promover o estudo, a pesquisa e a divulgação da História, da Geografia e demais ciências correlatas, relacionados ao município em que está sediado e região circunvizinha.

Para bem cumprir essas finalidades, a entidade tem estimulado estudiosos dessas áreas do conhecimento, de forma especial seus associados, a fazerem pesquisas e a produzirem textos, para que a entidade os divulgue na forma de livros ou como artigos em sua revista anual.

Por sua vez, a diretoria tomou a decisão de, sem prejuízo da edição de trabalhos inéditos, reimprimir algumas obras, publicadas anteriormente pelo IHGP, que se encontram esgotadas. São livros preciosos de autores consagrados e renomados, que se dedicaram à investigação científica da história de Piracicaba, fazendo-a de forma competente e cuidadosa, e cujos textos resultantes passaram a ser fundamentais e imprescindíveis, não só para leitores que tenham meramente o interesse de conhecer esses assuntos, mas, também, e sobretudo, para historiadores, professores, pesquisadores que encontram neles fontes para seus estudos e trabalhos acadêmicos.

Este livro, publicado com o apoio da Prefeitura Municipal de Piracicaba, por meio da sua Secretaria de Ação Cultural, é uma dessas reimpressões. O seu texto sofreu uma revisão para adequá-lo à nova ortografia, sem qualquer alteração no seu conteúdo, respeitando-se, no entanto, a ortografia da época, quando da transcrição ou citações de documentos históricos.

Há outros autores e respectivas obras, que certamente, serão alvos também dessa atenção e reconhecimento. A Comissão de Publicações do IHGP está permanentemente trabalhando para selecioná-las e promover a republicação futuramente.

## **GEOGRAFIA**

A PAISAGEM

SOLO — HIDROGRAFIA — VIAÇÃO

POPULAÇÃO — CLIMA

## **AGRICULTURA**

CONSIDERAÇÕES

ECONOMIA AGRÍCOLA

DIVISÃO DAS TERRAS

CONCEITO — EVOLUÇÃO — SENTIDO

COLONIZAÇÃO RURAL

ÊXODO DOS CAMPOS — RURALISMO

PRODUÇÃO AGRÍCOLA

CANA DE AÇÚCAR — CAFÉ

ALGODÃO — CITRICULTURA — CEREAIS

PRODUÇÃO ANIMAL

PECUÁRIA — AVICULTURA

SERICICULTURA — APICULTURA — PISCICULTURA

INDÚSTRIA AÇUCAREIRA

Outras Indústrias Agrárias





## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>11</b>
<b>ASPECTOS GEOGRÁFICOS.....</b>	<b>15</b>
A Paisagem.....	15
Solo .....	16
Hidrografia .....	17
Viação.....	18
População.....	19
Clima .....	20
<b>PIRACICABA.....</b>	<b>25</b>
Como município agrícola .....	25
Economia Municipal .....	26
Economia Popular.....	29
<b>DIVISÃO DAS TERRAS .....</b>	<b>33</b>
<b>COLONIZAÇÃO RURAL.....</b>	<b>45</b>
Ambiente social.....	46
Habitação.....	49

“Sociedade Rural” .....	52
O drama do Nordeste.....	55
Fixação do trabalhador rural.....	57
Deslocamento da população urbana .....	61
<b>PRODUÇÃO AGRÍCOLA.....</b>	<b>65</b>
Cana de Açúcar .....	72
Café.....	75
Algodão.....	77
Citricultura.....	79
Cereais .....	83
<b>PRODUÇÃO ANIMAL.....</b>	<b>87</b>
Pecuária.....	87
Avicultura e Apicultura .....	89
Sericicultura .....	90
Piscicultura .....	90
<b>INDÚSTRIA AÇUCAREIRA.....</b>	<b>93</b>
<b>OUTRAS INDÚSTRIAS AGRÁRIAS .....</b>	<b>97</b>
Indústria extrativa.....	98
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>101</b>
<b>PUBLICAÇÕES .....</b>	<b>103</b>
<b>APENSO .....</b>	<b>105</b>

## INTRODUÇÃO

**C**om o correr do tempo, vai Piracicaba se tornando amplamente conhecido pelo resto do Estado e do país como município essencial e exemplarmente agrícola. Circunstâncias especialíssimas, de espécie vária, têm contribuído poderosamente para transformar e conservar o núcleo agrário piracicabano num dos mais privilegiados de todo o território bandeirante, o que equivale dizer de todo o país, pois São Paulo é, indiscutivelmente, o mais adiantado centro agrícola do Brasil.

Essas circunstâncias entrelaçaram-se de tal modo, tão profundamente, que hoje é Piracicaba rural um modelo grandemente expressivo, do qual podem e devem os demais municípios brasileiros, e notadamente os paulistas, tomar normas e diretrizes, aplicando-se as medidas acertadas que nele vêm, de há muito, sendo postas em prática, com os mais auspiciosos resultados.

Seria, porém, irrisório pretender que esse município deve o seu estágio de organização rural apenas às medidas e às realizações que lhe traçaram e imprimiram, no correr dos anos, o braço e o cérebro do homem. O progresso agrícola piracicabano não pode ser encarado como fruto exclusivo de bem orientada política agrária. Fatores históricos de grande influência atuaram fortemente na sua formação estrutural, determinando primordialmente suas tendências para uma colonização

racional e toda ela fortalecida pelos mais expressivos ditames da justiça social. Como ainda nem só à inteligência e ao espírito de iniciativa de seus homens deve o município o elevado grau de adiantamento atingido pela sua agricultura, mas também, e em grande parte, às suas vantajosas condições mesológicas, que em muito favorecem as variadas atividades rurais a que se entregam os piracicabanos.

A própria origem histórica do município constitui um poderoso imperativo ao amanhã da terra. Fundada para socorrer com os produtos de sua lavoura e pecuária às necessidades de Iguatemi, praça militar arrasada em 1777 pelos paraguaios, a primitiva povoação encaminhou-se para um progresso sempre crescente, revestindo-se no início do século XIX da importância de um dos mais ricos municípios da então Província de São Paulo. Ainda melhor se compreende a influência e o poder desse imperativo histórico quando se sabe que suas terras e suas condições gerais favoráveis à agricultura determinaram o estabelecimento da primitiva Piracicaba no local onde hoje se acha, contrariando as deliberações e as ordens expressas do governador da Capitania, que ordenara sua fundação na foz do rio Piracicaba no Tietê, isto é, setenta quilômetros além do lugar onde o seu povoador a instalou, atraído pelo “seu terreno alegre, fértil, cheio de salsaparrilha, excelente para todo o gênero de cultura” (1)

Um século passado, em 1836, contava 78 engenhos de açúcar e 8 fazendas de criar, não havendo então, em todo o seu vasto território, nenhum terreno devoluto. Sua produção agrícola englobava: açúcar, aguardente, café, milho, feijão, arroz, amendoim, fumo, algodão, gado vacum, cavalariço e lanígero (2).

Há mais de cem anos, já as estatísticas oficiais acentuavam em cores vivas a tendência da agricultura piracicabana para a racionalização e a policultura.

A inexistência de grandes senhores de terras e escravos, que

---

(1) — Ver MARIO NEME — “Piracicaba no século XVIII” — in REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL, vol. XLV — 1938.

(2) — DANIEL PEDRO MULLER — “Ensaio de um Quadro Estatístico do Estado de São Paulo” — 1836.

só esporadicamente figuraram na história do município, se deve também, em grande parcela, o intenso e salutar retalhamento das terras piracicabanas, que é talvez o mais decisivo fator da invejável situação de estabilidade do seu parque agrário.

O “ Tombamento de 1817” (artigo de João B. C. Aguirra na “Revista do Arquivo Municipal”, vol. X, 1935) corrobora essa nossa asserção, baseada aliás nos fatos históricos do município. Essa estatística computa para a freguesia de Piracicaba (Limeira e Rio Claro inclusas) o total de 264 lavradores com 35 engenhos. A esse elevado número de agricultores correspondia um total de apenas 893 escravos, o que reflete as poucas posses dos senhores de terras, pois, como se sabe, para as atividades da cultura da cana e fabricação de açúcar é que se empregavam em maior número os escravos negros. E já estávamos na fase progressista de Piracicaba, que foi todo o primeiro meio século de 1.800. Campinas, que foi sem dúvida importante centro de poderosos escravagistas e ricos senhores de engenhos, conforme também o depoimento de Saint Hilaire (“S. Paulo nos tempos coloniais”, tradução de Leopoldo Pereira, 1922) contava, na mesma época, 294 lavradores com o elevado número de 3.464 escravos.

A excelência do seu clima, sua favorável situação topográfica, o perfeito conjunto de irrigação natural que abrange todo o município, a incansável atividade de seus homens do campo, a inteligência de seus governantes — todos esses e outros fatores de igual preponderância<sup>(3)</sup> constituem a causa cujo efeito é, nos nossos dias, essa evidência cristalina — Piracicaba, município essencial e exemplarmente agrícola.

Antes de entrarmos propriamente no estudo dos aspectos agro-econômicos do município, vamos salientar os pontos mais sugestivos de sua geografia física e humana, apenas, porém, aqueles que mais de perto interessam à agricultura e à pecuária, para que o leitor possa ter, num apanhado geral, uma visão verdadeira da realidade agrícola piracicabana.

---

(3) — “Por outro lado, a abertura das novas zonas sertanejas da Mogiana e Paulista fizeram de Campinas e Piracicaba bocas de sertão providencialmente próximas do centro paulistano, que consolidaram suas raízes com a transferência para elas do comércio, das escolas, da justiça destinada a reger a vida do hinterland”. (SERGIO MILLIET — “Roteiro do Café” — 1938).



## ASPECTOS GEOGRÁFICOS

### *A Paisagem*

Localizado na zona central do Estado de São Paulo, o município de Piracicaba confina ao norte com o de Rio Claro; a oeste com o de Pirambóia; ao sul com os de Conchas, Tietê, Capivari e Rio das Pedras e a leste com os de Santa Bárbara e Limeira.

Sua superfície abrange uma área de 1.465 quilômetros quadrados e é em sua quase totalidade cultivado com carinho, sendo, como já se dizia em 1878:— “insignificante a parte imprestável para a lavoura, ocupada por campos e carrascais.”<sup>(4)</sup>

O terreno, geralmente acidentado em mansas ondulações, não apresenta quebras bruscas de nível — muito comuns na maior extensão do Estado, o que oferece grandes dificuldades à agricultura e à pecuária. Também a viação e muitas outras atividades humanas se beneficiam-se com a topografia do município.

Dois vales acentuados encontram-se no município, dando-lhe um cunho topográfico especial: — os dos rios Piracicaba e Corumbataí, que são os maiores coletores das diversas bacias divisórias.

---

(4) — M. DE MORAES BARROS — “*Almanaque Literário de S. Paulo*” — 1878.



Os seus afluentes cortam o planalto geral em sucessivos vales, que dão à paisagem o aspecto característico de longas lombadas chatas, dominadas por raros picos elevados, que formam, por isso, objetos topográficos visíveis a grandes distâncias.

A altitude média das faixas marginais aos rios Corumbataí, Piracicaba e Tietê, (este banhando uma das linhas divisórias do município) é de 500 metros, enquanto a do planalto geral é estimada em 540, atingindo as curvas de nível em diversos lugares até 750 metros<sup>(5)</sup>

### *Solo*

Sob os diversos aspectos agrário-geográficos, Piracicaba se localiza na região ideal do Estado e, no que se refere particularmente às condições geológicas, vêm de sua primitiva colonização referências as mais favoráveis. Situado na “zona permiana ao redor de Campinas”, pela divisão regional de Pierre Deffontaines, dispõe de solos extremamente férteis, pois a série permiana atinge do salto de Itu a Piracicaba a sua maior largura (120 km.); “atinge aí também o seu maior valor; os solos são melhores, as numerosas manchas de diabase dão excelentes terras roxas, e o permiano apresenta aqui um fácies cálcico fértil.

O Instituto Agrônômico de Campinas e a Escola Agrícola de Piracicaba indicam por sua presença o valor agrícola destas regiões<sup>(6)</sup>.

Em manchas de grande extensão encontram-se esparramadas as terras vermelha e roxa, que representam um solo especialmente fértil para qualquer espécie de cultura. As terras arenosas (leves) e argilosas ou barrentas (pesadas) pertencem às séries geológicas Glacial, Tatuí, Corumbataí e Botucatu, sendo as duas primeiras cor de cinza e as duas últimas amareladas e avermelhadas.

As terras barrentas, pertencentes ao Tatuí e Corumbataí, são as mais férteis, de modo que podem ser cultivadas com café e cana de açúcar, recebendo apenas, depois de certo tempo, a adubação

(5) — MARIO NEME — “Piracicaba-Documentario” — 1936.

(6) — Pierre Deffontaines — “Regiões e paisagens do Estado de São Paulo — in GEOGRAFIA, ano I, nº 2 — 1935.

necessária, prescrita pela técnica da moderna agricultura.

As terras avermelhadas, misturadas com pedrinhas redondas e brancas, pertencem à série Irati, formando um solo muito quente, fofo e riquíssimo em sais minerais.

Todo o resto das terras vermelhas e roxas pertence às formações vulcânicas, as quais, decompostas até grande profundidade, formam um solo pesado e fértil. Fornecem elas, em todas as partes do município, os solos privilegiados para a cultura de café e de cana de açúcar. Não estão ligadas a determinada faixa ou formação geológica; esparramam-se esporadicamente sobre toda a área do município, dando margem a aglomerações de culturas especiais.

Sobre a excelência dos solos do município, já se dizia em 1887:

— “O solo compõe-se da preconizada terra roxa, em extensão de léguas, de terras barrentas e de terras arenosas, todas as quais prestam-se ao cultivo de café, algodão, fumo e cereais”<sup>(7)</sup>.

### *Hidrografia*

Além das ótimas terras que o constituem, o solo piracicabano é ainda dos mais largamente dotados pela natureza, pois o município é banhado pelos rios Tietê, Piracicaba e Corumbatá — que são os grandes coletores — e pelos seus inúmeros afluentes, importantes ribeirões, córregos e arroios de número elevado, que formam um perfeito conjunto de irrigação natural tornando-o um dos mais férteis do país.

Nesses rios, numerosos são os saltos, cachoeiras e corredeiras que oferecem altas possibilidades ao município, sendo que “diversas quedas d’água estão sendo aproveitadas, havendo cachoeiras disponíveis com a capacidade de 15 a 25 mil cavalos.”<sup>(8)</sup>.

Os grandes cursos d’água e a infinidade de arroios, córregos e ribeirões que banham o município são todos habitados por grande número de peixes diversos, os quais se aglomeram nas imediações das cachoeiras, tornando Piracicaba “um dos municípios mais pis-

---

(7) — *Relatório da Comissão de Estatística — 1887.*

(8) — *“Os municípios do Estado de São Paulo” — 1935.*

cosos do Estado, havendo abundância de dourados, pintados, piracanjubas, jaús, mandis etc.”<sup>(8)</sup>

A essas vantagens oferecidas pelo sistema hidrográfico do município, junta-se ainda o benefício das lagoas, dentre as quais se salienta pela sua importância a Lagoa Rica, de grande piscosidade.

### *Viação*

Sendo o rio Piracicaba, que atravessa o território piracicabano em direção leste-oeste, navegável em sua maior extensão, constitui por isso, com o Tietê, ótimo meio de transporte, o que contribuiu e ainda hoje contribui para o seu progresso agrário. A navegação fluvial no município, explorada pela Estrada de Ferro Sorocabana<sup>(9)</sup> e por empresas particulares, dispondo de numerosos portos em ambos aqueles rios, forma um eficiente complemento do seu sistema férreo-rodoviário, que é uma das inteligentes medidas aplicadas pelos seus homens em favor da agricultura de Piracicaba. Do seu considerável adiantamento, muito deve a organização agrária do município ao amplo conjunto de viação de que dispõe.

O município está dotado de uma rede férreo-rodoviária que o liga a todas as localidades vizinhas e a todos os grandes centros. Além das estradas de ferro Paulista e Sorocabana, a primeira servindo três de suas mais prósperas vilas e a segunda ligando nada menos de nove estações em diferentes pontos de seu território, contam-se ainda as ferrovias particulares dos engenhos de açúcar Central e de Monte Alegre.

As estradas de rodagem que servem a zona rural, quer estaduais, quer municipais, quer secundárias ou de “mão comum”, entremeando-se intensivamente, atingem elevado número de quilômetros de extensão e estabelecem comunicação não só entre os núcleos mais populosos como também entre uns e outros dos mais afastados pontos do município.

---

(9) — Em 1934, só o movimento desta empresa, num único porto, o de João Alfredo acusou os seguintes números: — 2.065 passageiros e 1.807.264 quilos de mercadorias. (*Relatório da Estrada de Ferro Sorocabana — 1934*).

## *População*

Em virtude dessa facilidade de intercomunicação, a par de outros fatores vários, a zona rural piracicabana é inegavelmente uma das mais habitadas do Estado, ostentando três distritos de paz — todos fartos celeiros e pontos de concentração da atividade dos homens do campo. Afora essas sedes político-administrativas, conta-se uma dezena de vilas prósperas e populosas; e mais de meia centena de “bairros”, todos bem dispostos e de fácil acesso, além de suas múltiplas pequenas propriedades, que abrigam compacta e ativa população.

A população de todo o município, em 1934, de acordo com o recenseamento oficial desse ano, era de 73.425 habitantes, assim distribuídos:<sup>(10)</sup>

Zona URBANA	Zona Rural	SEDES DOS DISTRITOS RURAIS <sup>(10)</sup>		TOTAL
		Charqueada	Ibitiruna	
26.362	46.276	649	138	73.425

Contando quase duas vezes o número de habitantes da cidade, o que põe em evidência o excelente estado de sua vida agrária, a zona rural de Piracicaba apresenta um índice demográfico dos mais vantajosos possíveis, só observáveis nas regiões de diminuta extensão territorial.

Um estudo retrospectivo do aumento demográfico verificado de 1900 a 1934, no município, demonstra um crescimento deveras notável no período de 1900 a 1920, em cujo espaço de vinte anos a população passou para mais do dobro, isto é, de 25.374<sup>(11)</sup> para 67.734<sup>(12)</sup>. Deste último ano até 1934 continuou crescendo razoavelmente, não obstante em proporção muito menor. A explicação daquele primeiro surto, extraordinário na verdade, consiste em ter

(10) — Depois de ultimato o recenseamento estadual de 1934, foi criado o distrito rural de João Alfredo, cuja sede deve comportar, conforme cálculos nosso consequentes de inquérito no local, uma população de 380 habitantes.

(11) — Recenseamento da República do E. U. do Brasil — 1900.

(12) — Recenseamento do Brasil — 1920.

sido o município, naquele período, alcançado pelo roteiro do café, tendo para ele se encaminhado as suas maiores levas de imigrantes. Vamos demonstrar no capítulo próprio, que nessa época se procedeu no município ao intenso retalhamento das propriedades agrícolas<sup>(13)</sup>.

Cumprе notar, uma vez demonstrada a tendência do município para a vida rural<sup>(14)</sup>, que o crescimento de Piracicaba não se apura, pelo menos nos seus últimos anos, pelos índices vertiginosos que registram os rápidos progressos das chamadas cidades novas, das quais a zona noroeste do Estado constitui exemplo típico — mas sim pelos algarismos que exprimem o desenvolvimento vagaroso, metódico, mas constante das cidades européias.

Esse é, não há negar, um dos fatores da estabilidade econômica do município, pois seu crescimento não sofre solução de continuidade, enquanto se processa naturalmente, sem abalos prejudiciais.

### *Clima*

Não queremos encerrar estas rápidas considerações sobre as condições geográficas de Piracicaba, sem darmos um breve relato de seu clima, elemento da mais alta relevância para a agricultura e para a vida social do homem.

O município acha-se situado no chamado planalto paulista, que selocaliza entre as latitudes S de 20° e 24°, na zona sub-tropical, pela classificação de Pádua Dias.

Nessas condições, Piracicaba, como o planalto paulista, “goza de um clima ameno; no verão o calor é suavizado pelas chuvas e no inverno que corresponde à estação seca, a temperatura mínima ordinariamente não desce além de 1° ou 2° abaixo de zero”<sup>(15)</sup>.

---

(13) — “O mesmo acontece também com Piracicaba, região de desenvolvimento econômico-demográfico harmonioso, onde se unem num mesmo índice ascendente de produção o café e o açúcar, a policultura e a pequena indústria” — (SERGIO MILLIET — “Roteiro do Café” — 1938).

(14) — Raro é o grande município paulista que apresenta, como Piracicaba, um população rural duas vezes maior que a urbana.

(15) — A. DE PAULA DIAS — “Meteorologia e Climatologia” — 1917.

Entretanto, tendo Morize <sup>(16)</sup>, na sua classificação dos climas brasileiros, localizado a zona subtropical acima da isotérmica de temperatura média de 20°, a qual abrange todo o norte do Paraná, norte de São Paulo e grande parte do Estado do Rio de Janeiro, ficou Piracicaba situada na zona temperada, branda, clima de tipo semi-úmido.

Assim, de acordo com Morize, é excelente o clima do município, situado que se acha entre as isotérmicas de temperatura sensível de 16° e 17°, por isso que “o calor é ideal todas as vezes que a temperatura sensível fica compreendida entre 13° e 19°”.

Continuando, pode-se dizer que a temperatura do município pertence à categoria dos climas regulares, em virtude da pequena diferença, (menor de 10°), registrada entre as temperaturas médias do mês mais quente (fevereiro) e do mês mais frio (julho), como se vê no seguinte quadro:

Temperatura média	Mês mais quente	Mês mais frio	Diferença
19°,8	23°	15°,8	7°,2

Sendo pequena essa diferença entre as temperaturas médias, também o é a amplitude absoluta da variação de temperatura no município porque:

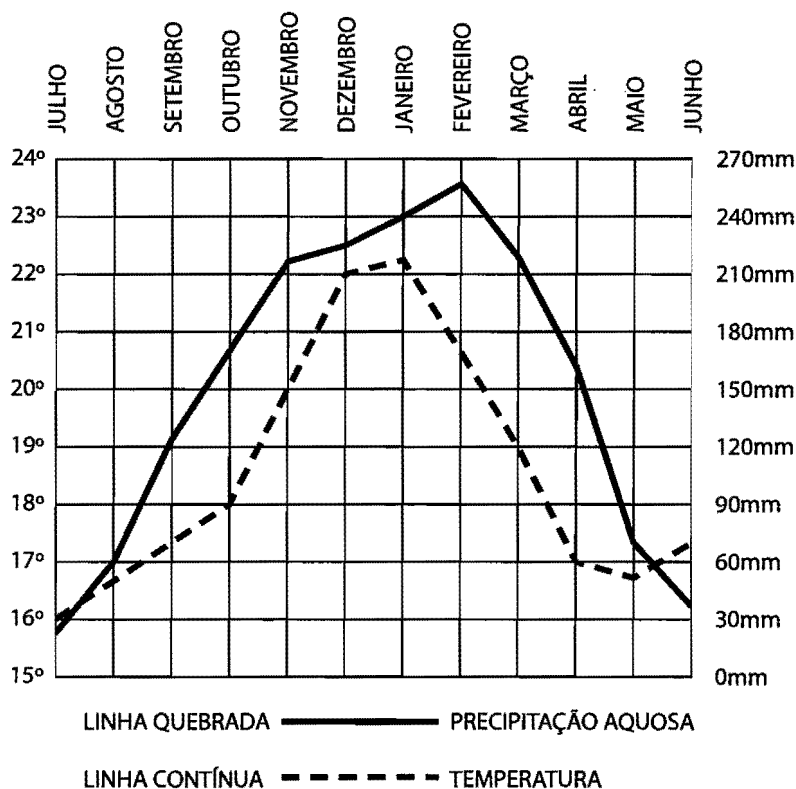
Máxima absoluta	Mínima absoluta	Amplit. absoluta
37°,2	— 2°,0	39°,2

Como consequência dessa pequena amplitude de variação, o município raras vezes é vítima de geadas, tendo sido estabelecido por Pádua Dias um total de 12 dias de geada em 14 anos, número insignificante, que não chega a constituir um “caso” para a agricultura.

Para que seja possível a existência de boas condições climáticas, além de contínua viração do ar, que em Piracicaba é mantida pelos saudáveis e constantes ventos de leste e sudeste, é indispensável, nas zonas subtropicais, que a precipitação aquosa coincida com a temperatura, subindo a altura pluviométrica nos meses mais quen-

(16) — HENRIQUE MORIZE — “Contribuição ao estudo do clima do Brasil” — 1922.

tes e descendo nos mais frios – o que ocorre no município, como exprime o gráfico abaixo, em que as curvas de calor<sup>(17)</sup> e umidade formam linhas paralelas, ascendentes de agosto a janeiro – verão – e descendentes de fevereiro a julho -inverno<sup>(18)</sup>



Estudando o clima de diversas regiões do território fluminense, estipulou Morize, no trabalho citado, que o clima é temperado,

(17) — As observações levadas a efeito por Pádua Dias, durante 6 anos, até 1917, acusam para o mês mais quente a temperatura média de 23°, ao passo que os estudos realizados recentemente pela Estação Experimental da Cana de Açúcar indicam a média de 23°,5, isto é um aumento de meio grau, como se observa pelo gráfico acima.

(18) — Gráfico organizado pela Estação Experimental de Cana de Açúcar, de Piracicaba.

brando, e o calor agradável na temperatura de 22°,4, correspondente à umidade média de 78°, 5%, caso esse em que se encontra, aproximadamente, o município de Piracicaba, que apresenta os seguintes elementos<sup>(19)</sup>:

Verão	Inverno	Altura Pluviom.	Número de dias	Trovoadas	Um.relativa	Ventos predominantes	Nebulosidade*
22°,8	16°,1	1.342	115	47	78,0	SE.E.	6,2

(\*) – São considerados ENCOBERTOS os dias cuja nebulosidade é superior a 8.

(19) — A. DE PÁDUA DIAS — *Obra citada.*





## PIRACICABA

### *Como município agrícola*

A economia brasileira é, pode-se dizer, principalmente agrária. Mesmo em nosso Estado – onde se formou um parque industrial dos mais perfeitos – a agricultura constitui o centro em torno do qual gravitam quase todos os fatos econômicos. Pedra básica que é da economia nacional. São Paulo por sua vez tira da agricultura a sua principal fonte de renda, amparando-se nos municípios em que a produção agrícola possa garantir o mais sólido desenvolvimento econômico.

De todos os seus numerosos municípios, porém, Piracicaba é um dos que acodem às necessidades bandeirantes com a presteza mais segura, mercê de sua modelar estrutura agrária. Caso típico de organização rural, vêem os estudiosos no seu sistema de agricultura, altamente racionalizado, o verdadeiro padrão que deve ser recomendado e seguido pelos demais municípios brasileiros.

Núcleo agricultor por excelência, contribuindo com grande porcentagem para a economia paulista, e da União – pois fornece quase 1/5 da produção estadual de açúcar, sobre a qual o imposto federal atinge considerável importância – responde a zona rural de Piracicaba pela invejável situação de sua economia pública e privada, pois seus

pomares ricos, suas pastagens povoadas, suas terras carinhosamente cultivadas conquistaram no campo econômico uma posição firme e por isso relativamente preservada dos choques econômicos, aos quais estão expostos os municípios de menor movimento policultor.

### *Economia Municipal*

Seja-nos permitido frisar rapidamente que Piracicaba concorre, anualmente, com mais de 6.500 contos de réis para os cofres públicos – municipal, estadual e federal. Particularmente, as finanças municipais oferecem uma feição totalmente consoladora, por serem estáveis e se não ressentirem de grandes colapsos, como não sofreram de maneira ponderável, com a crise que avassalou o país em 1930.

Contando com a renda de 1.654 contos de réis em 1929 – que fora a maior arrecadação até então alcançada – os cofres municipais sofreram um recuo gradativo de apenas 150 contos, no período de 1930 à 1933, durante o qual foram obtidos os seguintes resultados:<sup>(20)</sup>

1930	1931	1932	1933
1.592:851\$089	1.560:993\$501	1.519:164\$261	1.500:543\$515

Depois deste último ano, a receita municipal restabeleceu-se completamente, acusando nos dois anos seguintes, 1934 e 1935, 1.538 e 1.640 contos de réis.

E digno de análise igualmente, o facto deter atingido a arrecadação. Em 1928, somente a quantia de 1.319 contos de réis, em quanto que em 1933, após o maior abalo financeiro padecido pelo país, a renda foi de 1.500 contos de réis.

À evidência, os algarismos enunciados demonstram que, de fato, não se verificou em nenhum dos anos citados qualquer choque capaz de desorganizar a sua política econômica, bastando, para se comprovar tal asserção, saber-se que durante esse período, em

(20) — Todos os dados relativos as finanças municipais foram obtidos em relatórios da Prefeitura ou fornecidos pela sua Secretária.

que a crise foi mais premente e aguda, o município conseguiu diminuir a sua dívida de mais de mil contos de réis.

Um retrospecto das finanças municipais revela aspectos interessantíssimos da vida pública piracicabana e focaliza o apreciável grau de desenvolvimento que caracteriza a sua política econômica.

Reportando-nos ao ano de 1863, ainda vigente o regime monárquico, sendo então Piracicaba cidade há quase dez anos já, vamos encontrar a arrecadação da Câmara restrita ao total de Rs. 8:923\$560, com as despesas orçadas em 3:615\$298.

De 1863 à 1899, num período de 37 anos, durante o qual se processaram importantes melhoramentos tanto na cidade como no município, a renda municipal passou a 342:541\$523, constatando-se, assim, um aumento médio anual de mais de 9:000\$000.

Deve-se notar, entretanto, que esse aumento se verificou quase na sua maior amplitude durante os dois últimos lustros do século passado, conservando-se a renda de 1863 ainda por numerosos anos em um estado incerto e de grandes oscilações. Para certificar-se disso, basta que se consulte a arrecadação do ano imediato, em que os cofres municipais acusaram a receita de 7:064\$837 e a despesa de 5.811\$414, isto é, quase  $\frac{1}{4}$  menos de receita e  $\frac{1}{4}$  mais de despesa que no ano anterior.

Por outro lado, observando-se as rendas de alguns exercícios precedentes a de 1899, vamos nos capacitar da verdade do afirmado: - em 1895, a arrecadação foi de 160:000\$000, a qual no ano seguinte passava a 190:180\$000 para, em 1897, atingir a 217:820\$000. Assim, progressivamente, alcançava 239:120\$000 em 1898 e 342:541\$523 em 1899, devendo-se notar, todavia, que nesta última arrecadação figurou elevado saldo do exercício anterior.

Desse último ano até os dias de hoje, durante igual período de 37 anos, a renda municipal passou de 342 à 1.854 contos de réis, consignando um aumento médio de mais de 38 contos de réis por ano.

Igualmente, o acréscimo registrado de modo tão ponderável durante este último período, provém dos quinze últimos anos no seu desenvolvimento mais acentuado. Em 1916, ainda os cofres públi-

cos do município dispunham apenas de 339:436\$952, consignando pouco mais ou menos as mesmas cifras nos anos imediatos, e registrando, em 1920, a quantia de 444:222\$138. Data desse ano o notável impulso tomado pelas finanças municipais, que ostentam um desenvolvimento deveras auspicioso, com se vê pelo quadro abaixo:

ANOS	ARRECADAÇÕES
1921	511:726\$983
1922	632:767\$132
1923	765:460\$889
1924	911:435\$996
1925	944:554\$183
1926	1.022:673\$306
1927	1.287:865\$916
1928	1.319:734\$604
1929	1.654:549\$452
1930	1.592:851\$089
1931	1.560:993\$501
1932	1.519:646\$261
1933	1.500:543\$515
1934	1.538:673\$915
1935	1.640:262\$800
1936	1.853:670\$400

Seguindo a mesma marcha ascendente das finanças municipais, as arrecadações estaduais em Piracicaba assumem aspecto dos mais lisonjeiros, consignando melhorias apreciáveis de ano para ano.

Em 1935 registrou-se renda do Estado um aumento de quase 300 contos de réis, o que não se verificou em nenhuma das arrecadações precedentes<sup>(21)</sup>.

Pelo quadro abaixo, em que figuram as receitas do período 1932-1935, pode-se constatar o crescente desenvolvimento das atividades piracicabanas nos diversos ramos de trabalho e produção:

(21) — Todos os dados referentes à arrecadação estadual foram fornecidos pela Coletoria Estadual de Piracicaba.

ANOS	ARRECADAÇÕES
1932	1.514:778\$072
1933	1.690:587\$583
1934	1.590.787\$143
1935	1.851:372\$423

Refletindo o maior abalo sofrido pelo município, em consequência da crise geral, a arrecadação de 1934 acusou decréscimo de apenas 100 contos de réis sobre a anterior, mantendo, mesmo assim, situação altamente vantajosa em relação à de 1932, sobre a qual apresentou a superioridade de mais de 70 contos de réis.

A arrecadação federal de Piracicaba, atingindo um total quase equivalente ao das rendas estaduais e municipais juntas, isto é mais de 3.000 contos de réis, constitui um caso excepcional e que bem recomenda o poder produtivo do município.

Decorre esse fato do extraordinário desenvolvimento da indústria açucareira entre nós, a qual, para o total de 2.900 contos, concorre com 1.900 contos de réis, quase dois terços, portanto, de toda a arrecadação federal<sup>(22)</sup>.

### *Economia Popular*

Paralelamente ao surto agrícola verificado no município nos últimos anos, não foi menos expressivo o fomento registrado nas economias do povo piracicabano.

A análise do movimento da Caixa Econômica local, de 1932 a 1935, revela de maneira inofismável sintomas de melhoria nas condições econômicas do município.

É bem verdade que Piracicaba, relativamente, pouco sofreu com a violenta crise que vem avassalando o país desde 1930, da qual só agora São Paulo se refaz, ensaiando os primeiros grandes passos para a necessária estabilidade econômica.

É auspicioso, portanto, registrar-se que, pouco padecendo Pi-

(22) — Ver capítulo sobre indústria açucareira.

racicaba com a tormenta econômica dos últimos anos, muito vem fazendo, todavia, pela expansão da riqueza municipal, como se observa pela intensificação da economia privada, a qual constitui um fiel e verdadeiro barômetro de sua situação material, - pedra angular que é da riqueza pública.

Pelos dados abaixo vê-se que o movimento, tanto de depósitos como de depositantes e, conseqüentemente, de juros vencidos, conserva um ritmo de desenvolvimento inequívoco e sempre em escala ascendente, a partir de 1932 até o último ano<sup>(23)</sup>:

ANOS	Nº DE CADERNETAS	DEPÓSITOS	JUROS
1932	3.336	995:541\$600	194:028\$500
1933	3.345	1.434:250\$600	201:678\$800
1934	3.693	2.664:746\$800	248:235\$100
1935	4.193	3.608:370\$100	321:995\$700

Resultante disso, os saldos depositados anualmente, durante o mesmo período, apresentam notável expansão, acusando idêntico grau de ascensão, como se vê em seguida:

ANOS	SALDOS DEPOSITADOS
1931	3.920:135\$200
1932	4.074:023\$900
1933	4.389:769\$700
1934	5.770:463\$900
1935	7.354:115\$300

Se já não bastasse a evidência palpável das estatísticas pré-mencionadas, como prova bastante da expansão da riqueza privada no município, o movimento de retiradas, consignando um decréscimo apreciável, de 1931 à 1935, constitui categórica afirmação do que vimos de dizer, documentado à saciedade o notável fomento da economia popular em Piracicaba, como se vê pelos dados seguintes:

(23) — Todos os dados referentes à Caixa Econômica foram fornecidos pela Coletoria Estadual de Piracicaba.

---

Anos	Novos Depósitos	Retiradas	Superavit	Déficit
1931	1.343:333\$100	2.172:085\$000	-	828:725\$900
1932	995:541\$600	1.036:281\$400	-	40:739\$800
1933	1.343:250\$600	1.320:183\$600	114:067\$000	-
1934	2.664:746\$800	1.532:337\$700	1.132:409\$100	-
1935	3.608:370\$100	2.346:667\$800	1.261:702\$300	-

Foi nosso intuito, ao realizarmos este trabalho, oferecer aos estudiosos da agricultura brasileira alguns dos mais sugestivos aspectos da organização agrária piracicabana, de cuja análise, inegavelmente, muito se tem a aprender e aproveitar. Tentaremos, por isso, focalizar nas páginas seguintes, os fatores determinantes do alto coeficiente de produtividade alcançado pela lavoura do município, fatores esses que respondem pela estabilidade característica de sua economia agrícola, e que são: intensa subdivisão das terras, adiantada colonização rural e policultura inteligentemente dirigida.





## DIVISÃO DAS TERRAS

“ O município modelar: - Piracicaba. Não há grandes fortunas em Piracicaba; nem pobreza acentuada. É o ideal, é a prática da justiça social. A razão disso, eu já a conhecia: - domina, no município, o regime de pequena propriedade. E quem quiser verificar, na prática, o quanto o latifúndio rural desvaloriza a terra, vá a Piracicaba, a ver como a pequena propriedade lhe dá valor. O município é um jardim. Tudo cuidado, tudo produzindo, tudo rendendo. Nota-se em cada palmo o carinho do dono. Porque muitos são os donos, muito é o carinho. Piracicaba produz tudo, pratica a policultura e não se apercebeu da crise”

Essas palavras do jornalista Luiz Amaral espelham fielmente a organização rural de Piracicaba, constituindo uma afirmativa verdadeira, porquanto, apesar de francamente apoiada na cultura e industrialização intensiva de cana de açúcar, é o regime da pequena propriedade, e nele quase exclusivamente, que reside a estabilidade da economia piracicabana, assim resguardada das grandes oscilações, sempre desastrosas, consequentes das crises gerais.

“Está provado – assevera Artur Torres Filho – que a vitalidade do ruralismo reside na pequena propriedade”.

Com 62.737 alqueires de área, conta o município 2.640 pro-

priedades agrícolas<sup>(24)</sup>, cabendo, portanto, em média, 23,76 alqueires para cada uma. Mesmo no Estado – indiscutivelmente região onde se tem aplicado com maior intensidade o regime da subdivisão dos latifundos – esse índice é deveras auspicioso.

Tais algarismos têm um expressão clara e precisa: - mostram e evidenciam à saciedade que o município em estudo é um centro do Estado onde, com presteza, se tem posto em pratica o salutar princípio preconizado pelos estudiosos da realidade brasileira.



Vejamos, porém, qual é a distribuição, pelo número de alqueires, das propriedades rurais piracicabanas, e qual a evolução dessa distribuição nestes últimos anos.

É a seguinte a distribuição das propriedades rurais do município, pelo número de alqueires paulistas<sup>(25)</sup>:

Até 5 Alqueires	924
Até 10 Alqueires	731
Até 25 Alqueires	599
Até 50 Alqueires	234
Até 100 Alqueires	73
Até 250 Alqueires	48
Até 500 Alqueires	14
Até 1000 Alqueires	11
Mais de 1000 Alqueires	6
Total	2640

Se quiséssemos encontrar, por exemplo, a área total das propriedades até 25 alqueires, para avaliarmos aquilo que, de fato, exprimem as pequenas propriedades dentro do município, teríamos que recorrer aos cálculos das médias que, por mais racionalizados que sejam sempre deixam muito a desejar. Entretanto, como as es-

(24) — *Estatística Agrícola e Zootécnica de S. Paulo - 1935-1936.*

(25) — *Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo - 1935-1936.*

tatísticas oficiais não permitem absolutamente ao observador o máximo aproveitamento dos dados que apresentam, não temos outro recurso senão o de fazer esses cálculos.

Para chegar portanto, ao resultado desejado, vamos adotar as seguintes médias, admitindo que o ponto inicial da divisão das propriedades seja de um alqueire <sup>(26)</sup>

Temos, assim:

ÁREA	PROPRIEDADES QUANTIDADE	ÁREAS MEDIA	TOTAL
De 1 a 5 alqueires	924	3,0	2.772
De 5 a 10 alqueires	731	7,5	5.472,5
De 10 a 25 alqueires	599	17,5	10.482,5
		Total Geral	18.727

De 18.727 alqueires será, pois, a área total das “pequenas” propriedades rurais de Piracicaba, uma vez admitida a classificação tripartida <sup>(27)</sup>.

Dessa maneira, vemos que dos 62.737 alqueires que contém o município, 18.727 estão subdivididos em pequenas propriedades. A conclusão a que chegamos comprova satisfatoriamente, portanto, que o regime agrário de Piracicaba é, na verdade de pequenas propriedades, pois quase um terço de sua área total está retalhada em pequenos sítios.

(26) — Para encontrar-se a área global de cada classe de propriedades, aconselha Caio Prado Junior, no trabalho citado na nota seguinte: “Poderíamos contudo obter estes dados por meios indiretos. É só multiplicar, em cada categoria, a área máxima pelo número de propriedades. O resultado obtido será, é verdade, superior ao real”. E considera: “Mas como não há outro caminho a tomar, somos obrigados a passar por cima de tal erro, lembrando-nos contudo de sempre o levar em conta nas conclusões que os resultados finais ditarem”.

Entendemos, porém, que o cálculo por média, como fizemos, é mais racional e lógico, garantindo muito maior aproximação da realidade que o aconselhado por este autor. Basta dizer que, pelo método da área máxima, iríamos obter uma área global para as pequenas propriedades, de 56.350 alqueires, praticamente o total do município, que é de 62.737. E, diante desse resultado, o mais bem intencionado observador não daria, nas suas conclusões, sequer 1/3 de desconto — do que ainda resultariam 37.567 alqueires só para as pequenas propriedades do município, número esse decididamente inaceitável.

(27) — CAIO PRADO JUNIOR — “Distribuição da propriedade fundiária rural do estado de S. Paulo” — in GEOGRAFIA — Ano I, n° 1 — 1935.



A evolução dessa distribuição dos próprios agrícolas, no município, afere-se por índices significativos. Admitida ainda a classificação tripartida, teremos a analisar o quadro das propriedades “pequenas”, “médias” e “grandes” do município, em 1905<sup>(28)</sup> e em 1935<sup>(29)</sup>, isto é, a partir da época em que se assentou a agricultura em Piracicaba:

1905 <sup>(28)</sup>			1935 <sup>(29)</sup>		
Até 25 Alqueires	Até 100 Alqueires	Mais de 100 Alqueires	Até 25 Alqueires	Até 100 Alqueires	Mais de 100 Alqueires
339	171	93	2254	307	79
Total da propriedades 603			Total das propriedades 2640		

De incontestável significação por si só exprimindo a tendência do município para maior subdivisão de suas terras, esse quadro constitui sintoma bastante para diagnosticar a perfeita saúde econômica do corpo agrário de Piracicaba, além de focalizar, como veremos, uma evolução social essencialmente democrática.

Subdivide-se a zona rural piracicabana em pequenos sítios – 2254 até 25 alqueires, num total de 2.640 propriedades. Desse modo, e subtraindo-se do restante, as 307 “médias”, isto é até, 100 alqueires, temos apenas 79 que podem se incluídas entre as “grandes” propriedades<sup>(30)</sup>. É um número insignificante, como

(28) — Relatório da Secretaria da Agricultura – 1905.

(29) — Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo – 1935-1936.

(30) — “A pequena propriedade, o sítio, a chácará, corresponde sempre ao camponês, trabalhador que lava pessoalmente a sua terra, sem empregar braços estranhos à sua família. É o tipo de sítiante cuja família inteira vive na roça, trabalhando para economizar um pequeno capital suficiente para aumentar suas culturas e sua propriedade. A média propriedade, a fazendola, não exclui o braço engajado, mas também não exclui o do proprietário algumas vezes. Exclui, sim, o administrador que substitui o fazendeiro nos latifúndios: na propriedade média, o proprietário é o administrador de suas terras e culturas. A grande propriedade é bem caracterizada pelo trabalho exclusivo da mão de obra estranha ao proprietário, e em geral, pela ausência deste, substituído por administradores, gerente e feitores” (ALICE PIFER CABABRAVA E MARIA TEIXEIRA MENDES – “A Região de Piracicaba” in REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL – Vol. XLV – 1938).

é bem de ver-se, pois as verdadeiramente grandes propriedades locais são aquelas que exploram a indústria açucareira. As cinco usinas localizadas no município, dotadas de todos os modernos métodos de agricultura e dispendo dos maquinários mais aperfeiçoados, aproveitam ou estão em caminho de aproveitar intensivamente, mercê de seus serviços racionalizados, todas as suas terras, já para a lavoura canavieira, já para outras acessórias, reservas florestais, etc. Ao contrário do que ocorre no Nordeste do país, como nas Antilhas, em que a lavoura açucareira “cresce em extensão; não se cansa de engolir terras para prática da cultura extensa de cana, desprezando a intensa, que implicaria na solução de problemas como o do mosaico, no cultivo da cana de melhor rendimento; no desenvolvimento da irrigação e do adubo das terras mais concentradas”<sup>(31)</sup> – a “grande” propriedade em Piracicaba, que é sempre açucareira, não representa o abandono e descaso de grande parte de sua área – justamente o que de mais prejudicial oferece o regime latifundiário.

Dessas usinas, as duas maiores empresas, Engenho Central e Usina Monte Alegre, dispõem, uma de 2.683 alqueires<sup>(32)</sup> e outra de mais ou menos a mesma área, com 1014 alqueires cultivados com cana de açúcar<sup>(33)</sup>.



E, diga-se de passagem, não é essa circunstância devida a quaisquer influências de programas político-administrativos, como ocorreu, por exemplo, na Dinamarca. E que não é, igualmente, fruto do espírito de cooperativismo, ainda incipiente no caráter nacional. Estamos diante de um fato de forte significado social e econômico, cuja causa deve residir em grande parte na dedicação ao trabalho, na

(31) — GILBERTO FREYRE — “Nordeste” — 1937

(32) — *Relatório da Secretaria da Agricultura* — 1932

(33) — *Estatística Agrícola Zootécnica do Estado de São Paulo* — 1935-1936.

perseverança do homem bem adaptado, no anseio de autonomia<sup>(34)</sup> e, mais que tudo, no espírito de independência de um povo que se formou no mais são otimismo, espírito de independência que se esteia numa base sólida e verdadeira: a educação.

Se quiséssemos demonstrar aqui o honroso desenvolvimento que teve a instrução pública em Piracicaba, poderia comprovar o leitor a verdade dessa nossa afirmativa. Mas seria fugir ao assunto deste trabalho e, assim, limitamo-nos a apontar apenas isto: somente na zona rural do município, contavam-se em princípios de 1936, cerca de 22 grupos escolares e 32 escolas isoladas, apenas computados os estabelecimentos da zona rural e mantidos pelo governo do Estado<sup>(35)</sup>. Não há outro município bandeirante que ostente tão elevado índice.

Curioso observar que em 1836 (Daniel Pedro Muller, obra citada) Piracicaba, então vila de Constituição. Abrigava o maior número de pessoas que sabiam ler e escrever de todos os núcleos do interior da Província, apesar de não ser a maior a população de seu distrito, que era de 10.291 habitantes. Os que sabiam ler e escrever perfaziam aí o total de 395 pessoas. Itu e Porto Feliz, velhos centros de colonização da Província, acusavam, respectivamente: 11.146 e 11.293 habitantes; 166 e 214 pessoas que sabiam ler e escrever, Curitiba, ainda da Província de São Paulo, apresentava 16.157 habitantes e 152 pessoas alfabetizadas.



Bem exprime o sentido da evolução do sistema agrário do município a grande diferença entre números que representam as pe-

---

(34) — Muito ilustrativo é o segundo trecho, em que vemos bem demarcado esse anseio de autonomia, já observado e compreendido no colono de 1855, em Piracicaba, isto é, nos primeiros colonos europeus: “Há causa constante e muito legítima em que eu muito aplaudo, para a saída dos colonos, que têm saldadas a suas contas e acumulado um capital para poderem estabelecer-se: - é o desejo de viverem sobre si...” (trecho da carta do senador Vergueiro ao presidente da Província, em 2 de janeiro de 1855 - Cit. por DJALMA FORJAZ - “O Senador Vergueiro” - 1924).

(35) — Ver PIRACICABA- DOCUMENTÁRIO - 1936.

quenas propriedades e o total geral em 1905 e em 1935.

Nos primeiros anos do século XX, recenseavam-se apenas 339 propriedades agrícolas até 25 alqueires e um total de 603 propriedades de todos os tamanhos. Em 1935 vêem-se as propriedades até 25 alqueires elevadas a 2.254 e o total a 2.640. Assim, o número de pequenas propriedades aumentou, no espaço de trinta anos, de quase sete vezes, fato esse de expressiva significação, passando à área média das propriedades rurais do município de 74,55 para 23,76 alqueires, isto é, tornando-se mais de três vezes menor.

Cumprе notar que, nos últimos anos, a essa subdivisão das terras de Piracicaba se opôs a ação poderosa das grandes usinas açucareiras do município, que passaram a adquirir, ao correr do tempo, todas as propriedades circunvizinhas às suas glebas, já imensas no cotejo local. A essa força monopolizadora, vários foram os proprietários que, tentados pelas vantajosas ofertas, cederam finalmente.

Para essa inconveniente monopolização concorre fortemente a limitação por quotas imposta à produção açucareira em fins de 1931 pelo governo federal<sup>(36)</sup>. Impossibilitadas de dar expansão às suas produções, por efeito daquela limitação, as grandes usinas só têm um recurso viável para realizar esse expansionismo: adquirir as quotas dos pequenos fabricantes, comprando-lhes as propriedades.

Dessa prática decorrem dois grandes inconvenientes para a agricultura do município: - a monopolização de uma indústria agrária e o descaso a quem têm de ser votados, pelo menos por algum tempo, muitos alqueires de terra, antes de trabalhados com intensidade. Isso porque as propriedades adquiridas pelas usinas não lhes oferecem absolutamente nenhum interesse imediato. Suas antigas terras, já trabalhadas desde muito, são suficientes para garantir uma produção muito superior à estabelecida por quota, sem contar a cana de açúcar adquirida dos lavradores independentes que preferem vender seu produto às usinas. Para estas muitas vezes

---

(36) — A limitação consistiu em fixar, para cada usina, uma produção correspondente à sua capacidade de produção, em um tempo de 150 dias de trabalho normal, na época do decreto (Anuário Açucareiro, 1936).



é mais vantajosa esta compra do que o aumento de suas culturas. Apenas as novas quotas de que se apropriam pela transação lhes trazem interesse e vantagens.

Além desses, há ainda outro inconveniente em tal política de limitação, e que é o de cercear a difusão da indústria açucareira no município, pois ao pequeno agricultor a instalação de novos engenhos torna-se difícilima<sup>(37)</sup>, o que obriga a vender suas canas as grandes usinas, e o matem sempre na dependência direta dos interesses delas.



A expressão democrática do regime agrário piracicabano, vamos encontrar, bem profunda, na análise da distribuição das propriedades do município pelas nacionalidades.

À falta de estatísticas oficiais que nos permitam reportar às épocas exigidas para esse estudo, somos obrigados a chegar ao resultado final por meio de cálculos e raciocínios diversos. Pode-se dizer que a entrada de imigrantes no território do município não só foi intensa como também praticamente só se processou nos primeiros 20 anos do século em curso. Em 1980 a população da zona de Piracicaba (compreendendo este município e os de São Pedro, Capivari, Monte Mor e Santa Bárbara) contava apenas 8,60% de estrangeiros<sup>(38)</sup>. De 1921 a 1929, a corrente imigratória dirigiu para essa zona (já acrescida do município de Rio das Pedras, criado em 1894) o reduzido número de 1.800 indivíduos<sup>(39)</sup>. Assim, se até 1890 era diminuta a porcentagem de estrangeiros na população da citada zona, não foi, com certeza, depois de 1920<sup>(40)</sup> que ela se desdobrou, alcançando a grande proporção facilmente avaliável pelo número de proprietários estrangeiros no município. E vamos ve-

---

(37) — O decreto 22.891 de 25 de julho de 1933 proibiu a montagem em todo o território nacional de novas usinas, sem consulta prévia e aprovação dos planos pelo Instituto do Açúcar e Alcool. (*Anuário Açucareiro* — 1936).

(38) — *Recenseamento da República* — 1890.

(39) — *Anuários Estatísticos do Estado de São Paulo* — 1921-1929.

(40) — Basta atender aos números que indicam a população do município em 1900-1920-1924 — para nos compenetrarmos dessa evidência.

rificar, por outro lado, que, no período 1901-21, isto é, o período da imigração, só para o município entraram 6.480 imigrantes, apenas das nacionalidades espanhola e italiana<sup>(41)</sup>.

Assim, não pode haver dúvida de que a imigração em Piracicaba, praticamente só existiu nos primeiros vinte anos do século XX. Desde que, com já demonstramos, o retalhamento das propriedades agrícolas do município se operou com maior força justamente nesse período da corrente migratória (ou no sucessivo a este, isto é: 1920-35), passando o número delas de 603 em 1905 a 2.640 em 1935, será a posse do chão piracicabano pelo estrangeiro o índice seguro do sentido democrático da sua estrutura agrária.

Ao estudarmos essa posse estrangeira, vamos constatar que da área total do município, enquanto 32.138 alqueires, pertencem a brasileiros, a outra metade, ou 30.599 alqueires, é ocupada por estrangeiros. Por outro lado, vemos que, do total de 2.640 propriedades, 1.324 pertencem a antigos imigrantes, apenas computados italianos, espanhóis e portugueses<sup>(42)</sup>.

Note-se, porém, que a subdivisão dos latifúndios em Piracicaba não se processou em razão de programa pré-estabelecido, como ocorreu na Dinamarca<sup>(43)</sup>. Pelo contrário, verificou-se mesmo independente da vontade do homem, e não ainda como consequência do espírito cooperativismo.

Aos que se detêm numa análise menos superficial da realidade agrária piracicabana, mostra-se, entretanto, a sua elevada porcentagem de pequenas propriedades como uma das mais capazes e favoráveis circunstâncias para a implantação e intensificação do cooperativismo entre seus trabalhadores rurais. Neste particular, não foge a evidência a exis-

---

(41) — *Anuários Estatísticos do Estado de São Paulo – 1900-1921*

(42) — *Estatísticas Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo – 1935-1936.*

(43) — “A divisão e a distribuição das terras laboráveis, levadas a efeito durante os últimos 25 anos – como parte de um programa político – permitiram elevar por tal forma o número das propriedades rurais e reduzir a superfície médias das propriedades agrícolas a proporções tão diminutas que, em qualquer outro país onde o espírito de cooperativismo não houvesse atingido um tão elevado grau de perfeição, como na Dinamarca, tais fatos, certamente, seriam de desastrosas consequências” (LYDER SAGEN – “Dinamarca” – 1933).

tência de diversas cooperativas tanto de produção como de consumo, estabelecidas no município há poucos anos em pleno desenvolvimento.

Interessante lembrar que essa subdivisão das terras de Piracicaba teve início propriamente a partir de 1825, com a dissolução da sociedade Vergueiro de Souza. Várias imensas glebas pertencentes a essa sociedade foram então separadas entre diversos proprietários – e em seguida desmembradas em numerosas partes. Dessas fazendas, podem-se citar: – Limoeiro, de duas léguas de quadra – hoje fracionada entre os municípios de Piracicaba e São Pedro; Monjolinho – três léguas de testada uma de fundo (sua medição posterior acusou mais de cinco mil alqueires). Hoje nela existem cerca de 276 condomínios e está edificada na parte da cidade de São Carlos; Taquaral – mil e setecentas braças de testada e duas léguas de fundo; Monte Alegre – setecentas braças de testada e meia légua de fundo. Além dessas, contava-se ainda a fazenda do Pau Queimado<sup>(44)</sup>.



Dividir deixa de ser enfraquecer: terras divididas, de muitos donos são produtivas e valorizadas. A posse do cão, por ele trabalhado, incentiva o homem do campo que, cultivando-o com carinho, o valoriza, melhora a produção e enriquece o município, tornando possível a estabilidade e o desenvolvimento da economia pública e privada.

Entretanto não podemos fugir ao argumento corriqueiro, pois nosso intuito é precisamente esse de chamar a atenção dos estudiosos e dos responsáveis para que possa ocorrer nas regiões onde a subdivisão das terras alcança índices elevados, sem que essa transformação se processe a par do desenvolvimento do cooperativismo.

Em Piracicaba não se verificaram, na verdade, até hoje, as desastrosas conseqüências previstas por Lyder Sagen – mas nada nos garante que tal derrocada não se patenteie de um momento para o outro, se no município o cooperativismo não conseguir logo reunir

---

(44) — DJALMA FORJAZ — “O Senador Vergueiro” — edição oficial — 1924.

as produções isoladas para conservar-lhes a hegemonia no comércio e na exportação.

Daí a necessidade urgente de ser realizada uma séria campanha de grande envergadura, em todo o estado, em favor da difusão do cooperativismo de produção. Muitos municípios paulistas acompanham Piracicaba nessa tendência pronunciada para cada vez mais intensa subdivisão das propriedades e, se este município contou inconscientemente, até os nossos dias, com fatores diversos capazes de garantirem a estabilidade e a valorização de sua produção agrícola, muito otimista e nada racional seria esperar que todos os demais núcleos agrários venham a gozar desses mesmos fatores favoráveis.



Não seria expressão verdadeira o progresso agrário de Piracicaba, se, como consequência desse desenvolvimento, como corolário desse progresso, não se houvessem registrado certa e sensível valorização das terras, aumento e melhoria da produção, subdivisão crescente das propriedades e intensiva diversificação das culturas. Sobre esses tópicos falaremos oportunamente, nos capítulos correspondentes.

No que se refere à valorização das terras é expressivo observar que, município antigo, em que a agricultura constituiu e constitui a principal fonte de riqueza, se acham hoje as suas terras fortemente cansadas, exaustas mesmo, mercê de continuadas e sucessivas safras. Esse esgotamento intenso do solo implicaria forçosamente na diminuição do seu potencial de matérias orgânicas, e esse empobrecimento na direta desvalorização das terras. Entretanto, vamos verificar que, independente mesmo da proximidade do centro urbano, das estações ferroviárias, das estradas de rodagem e de outros fatores valorizantes, as terras do município cobram-se por preços elevados, já nos contratos de compra e venda, já nos de arrendamento periódico. Não há, praticamente, um movimento sensível, demarcado, de compra e venda de terras no município, em virtude mesmo da própria estabilidade agrária que aí se verifica. O comér-

cio de terras, quando existe, reflete vendas parciais apenas. Os preços são elevados. Na região mais afastada, de terras mais cansadas, o custo médio é de 1:000\$000 por alqueire. Em geral, nas zonas de solo que ainda conserva alguma coisa de sua primitiva riqueza, de empobrecimento ainda não total, e até mais ou menos próximo ao centro urbano, às estações de estradas de ferro, aos leitos rodoviários, o preço do alqueire varia de 2:500\$000 a 3:000\$000. As melhores terras do município, as mais vizinhas da cidade, distantes dela não mais que 10 quilômetros, essas se cobram em média 5:000\$000, por alqueire.

Os mesmos índices elevados registraram-se também nos contratos de arrendamento temporário, cujo preço, por alqueire e por ano, varia de 200\$000 a 400\$000, desde as mais pobres e retiradas às mais próximas do centro urbano e dos meios de comunicação. As terras para pastaria, quase imprestáveis para a lavoura, e bastante distantes da sede do município, delimitadas na região do oeste, são arrendadas ao preço de 60\$000 a 100\$000 anuais por alqueire.

Não se pode negar que essa valorização contribuiu, nos últimos anos, para reter o homem ao solo, devolver-lhe o gosto pela terra, afeição pelo trabalho agrícola – acima de tudo determinando uma estabilidade da atividade rural, constituindo uma profissão do tamanho da terra.

E essa valorização é tanto mais sensível, positiva, quanto mais ascendente se mostra sobre a que os melhoramentos públicos produziram nos terrenos urbanos, os quais alcançam preços ínfimos em comparação com os das terras de lavoura. Na cidade, em ruas dotadas de alguns melhoramentos, em locais não muito distantes do centro comercial – da Igreja da Matriz – os terrenos para construção de residências são vendidos aos preços de 200\$000 a 500\$000 o metro de frente.

## COLONIZAÇÃO RURAL

Bem orientada desde seus primórdios<sup>(45)</sup>, a colonização da zona rural do município não podia deixar de ocupar posição de destaque entre as menos imperfeitas do Estado. Resultando da conjunção de fatores vários, a vida rural piracicabana pode ser medida, por assim dizer, pelas suas favoráveis condições sociais e materiais.

Para cultivar seus 62.737 alqueires de férteis terras, conta Piracicaba com 15.884 trabalhadores. Portanto, um trabalhador tem seu cargo, no município em estudo, 3,9 alqueires, em média, ao passo

---

(45) — Não podemos deixar de transcrever aqui justas palavras sobre a ação de que iniciou em Piracicaba sua colonização rural:

“Já Vergueiro nesta ocasião gozava de grande influência na zona compreendendo os atuais municípios de Campinas, Piracicaba, Itu, Porto Feliz, Limeira, Rio Claro, Araraquara. Conquistara-a pelos conhecimentos agrícolas, pelas idéias adiantadas, pelo espírito liberal, e pelo esforço em promover a fatura de estradas de rodagem, afim de se facilitarem as comunicações entre aqueles povoados. Já era o espírito civilizador daquelas paragens” (DJALMA FORJAZ — “o Senador Vergueiro” — edição oficial — 1924).

Sobre esse “espírito civilizador” fala Rangel Pestana, citado por Djalma Forjaz:

“Sem desconhecer os serviços de todos esses respeitáveis patriotas é justo confessar, que a memória de nenhum deles é mais digna de estima dos paulistas que a do Senador Vergueiro, o primeiro que introduziu no Império por esforços próprios a colonização alemã, e que praticamente provou a possibilidade do trabalho livre nesta parte da América”.

“Na vida dos povos as vezes circunstâncias que de momento pareciam insignificantes, mais tarde se apresentam ao espírito do observador como um acontecimento de suma importância por suas consequências. De tal ordem foi o ensaio de colonização praticado pelo Senador Vergueiro”. (RANGEL PESTANA — “Almanaque de Campinas” — 1872).

que, no Estado, para seus 8.047.918 alqueires cultiváveis, contam-se 1.238.725 trabalhadores agrícolas, cada um incumbido, em média, de 6,5 alqueires, isto é, quase o dobro da área laborada por um operário piracicabano<sup>(46)</sup>.

Esse é, indiscutivelmente, um grande passo para a racionalização do trabalho agrícola, pois cada homem tem seu cargo a menor área possível, de sorte a melhorar a produção, com maior aproveitamento do solo.

### *Ambiente social*

Sobre as condições sociais da vida rural, ainda Piracicaba ostenta indícios veementes de uma colonização quase ideal. Cerca de 46.000 pessoas vivem, nas fazendas e nos sítios piracicabanos, uma vida igual, senão melhor da que mais desejável se possa exigir das nossas condições atuais, dispondo de ótimas estradas de rodagem e férreas, que cortam o município em todas as direções.

Vejamos, num rápido lance de olhos, as características do ambiente em que vivem os homens do campo desse município:

Os distritos de paz da zona rural, com sua função administrativa, congregam política e socialmente as populações camponesas, contam-se em número de três, Charqueada, João Alfredo e Ibitiruna. O primeiro é uma vila de bonito aspecto, muito prospera e futura. O seu comércio é intenso e possui alguma indústria agrária em estado florescente. Abriga 649 moradores, que dispõem de grêmios esportivos e recreativos, grupo escolar, divertimentos públicos, etc. é servida pela estrada de ferro Sorocabana, que a liga com Piracicaba e São Pedro. Conta também excelentes estradas de rodagem, das quais merecem destaque as estaduais que a comunicam com São Pedro e Rio Claro. Dispõe de varias linhas de auto-ônibus, circulando diversas vezes por dia. Compreende um bom número de ruas, com passeios cimentados, confortáveis prédio de moradia, luz elétrica. Possui uma bonita igreja, hotéis e posto policial.

---

(46) — Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo — 1935-1936.

O segundo, distrito criado recentemente, é porto comercial de importância, ligado a Piracicaba pela estrada de ferro Sorocabana e por navegação fluvial a esta e a varias outras cidades. Tem perímetro urbano demarcado, pisos de passeio, igreja, grupo escolar, posto policial, etc. Seu comercio é desenvolvido e é a vila dotada de iluminação a querosene. Dista 18 quilômetros da cidade, comunicando-se com esta e com Anhembi e Botucatu por excelentes estradas de rodagem, e dispõe de bem organizado serviço de auto-ônibus.

O último, mais conhecido pelo nome de Serra Negra, é um distrito pouco desenvolvido, não obstante seu excelente clima. Comunica-se com a cidade por estrada de rodagem, que liga também com Anhembi e Botucatu, e conta uma linha de auto ônibus. Sua população é de 138 habitantes.

Vilas diversas, mais propriamente núcleos que os distritos, espalham-se pelos quadrantes do município, como Corumbataí, dotado de iluminação elétrica; Recreio, Paraíso, Tanquinho (posto policial), Água Santa, Vila Nova e Godinhos, a nordeste. Tupi, Caiubi e Arraial de São Bento, a leste.

Dessas vilas, destacam-se: Tupi, dotada de luz elétrica, passeios cimentados, grupo escolar e outros melhoramentos. É posto policial e comunica-se com a cidade pela estrada de ferro Paulista e por ótima rodovia estadual, que liga igualmente com as cidades de Vila Americana, Santa Bárbara e Campinas. Nela está localizada a Estação Experimental de Algodão, órgão técnico do Estado; Caiubi, com grupo escolar e estação da estrada de ferro Paulista; Recreio (posto policial) e Paraíso, ambas com grupos escolares e estações da estrada de ferro Sorocabana. Todas essas vilas são servidas por ótimas estradas de rodagem municipais.

Finalmente, uma breve enumeração dos chamados “bairros”<sup>(47)</sup>

---

(47) — “Na zona rural, são os “bairros” os tipos mais interessantes do povoamento da região estudada; são numerosos na zona de Piracicaba e constituem ninhos de pequenas propriedades rurais cujo centro é a escola, uma igreja, um armazém. Sua localização coincide na maioria das vezes com a confluência dos caminhos: a vida facilita o acesso ao centro urbano, ponto de escoamento das produções”. (ALICE PIFER CANABRAVA E MARIA TEIXEIRA MENDES — “a Região de Piracicaba” — in REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — VOL. XLV — 1938).



nos dará uma idéia de quanto numerosos se acham em território piracicabano, todos muito bem dispostos e de fácil acesso, ligados à cidade por estradas de rodagem. São os mais importante deles:

Ao norte, Paiol, Matão, Tabela, Cruz Caiada, Guamium, Gilbert, Itapiru e das Ondas;

A oeste, Limoeiro, Pau Preto, Cachoeira, Morais, Monjolada, Paredão Vermelho, Filipada, Minguado, Barrocão, Ribeirão Claro, Anhumas, Pinheiros, Lagoa Rica, Baguari, Jibóia, Nova Suíça, Pau Dalhinho, Congonhal, Marins, Água Bonita, Canal Torto e Bangé;

Ao sul, Boa Vista, Ponces, Pederneiras, Cruz Alta, São Joaquim, Serrote, Água Branca, Formigueiro, Campestre, Chicó (chave da E. F. Sorocabana), Pau Queimado, Volta Grande, Monjolinho, Passa Cinco, Rolador, Pompéia e Taquaral, este também servido pela estrada de ferro Paulista;

A leste, Batistada, Lambari, Quebra Dente, Conceição, Dois Córregos, Água Branca e Recanto<sup>(48)</sup>.



Curiosas as observações do prof. Paiva Pereira<sup>(49)</sup>, sobre o convívio de bairro, nas regiões de pequenas propriedades:

“O seu caráter mais notável e geral é o de grande independência na economia e na convivência entre os seus elementos construtivos. Cada sitiante como que leva a sua vida autônoma, sem outra dependência social além da proximidade territorial com os vizinhos. Não existe, portanto, nenhuma centralização natural de subordinação e autoridade. Esta é antes resultante de uma convenção voluntária, deslocando-se de uma pessoa para outra por mero

(48) — Com revisão territorial do Estado, decretada em 30-11-1938, foi alterado o mapa do município, que perdeu alguns de seus bairros rurais, ganhando outros.

Por essa revisão Piracicaba recuperou o distrito de paz de Saltinho, que havia sido desmembrado de seu território em 1929 para ser incorporado ao de Rio das Pedras. Importante núcleo agrícola, que ostenta adiantado estágio de colonização, o distrito de Saltinho veio acentuar ainda mais os índices de pequenas propriedades, policultura e interação da organização agrária de Piracicaba.

(49) — JUVENAL DE PAIVA PEREIRA — “O Problema Rural” — in REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — vol. XLVI — 1938.

efeito de delegação, geralmente aliada à função policial de inspetor de quarteirão. Não se nota nenhuma hierarquia social; muito pequena coalescência familiar, nenhuma unidade verdadeira nesses convívios. São familiares diferentes, propriedades distintas. O convívio é de igual para igual, de cortesia recíproca, de empréstimo mútuos, como entre grupos bem diferenciados, cada um com sua vida própria, autônoma”.

### *Habitação*

O tijolo e a telha constituem os materiais essenciais, comuns, obrigatórios das habitações rurais de Piracicaba. Não existem aí, mesmo nas zonas mais pobres, as choças de sapé, palha, pau-a-pique, os mucambos – quando estes não se destinam invariavelmente à guarda de materiais e depósitos em geral, notadamente de maquinário e ferramentas. Estas choças, que no elevado total das construções apontadas na zona rural do município representam pouco mais de dez sobre cem<sup>(50)</sup>, são mais encontradiças na região do oeste, de rara densidade demográfica e ínfima significação como centro de produção extrativa. Aí não é difícil, realmente, encontrarem-se os mucambos servindo de moradia aos roceiros – e tanto mais isso se verifica quanto mais abundantes são as facilidades que para essas construções rudimentares encontram os habitantes nas glebas ainda não desbastadas inteiramente, nos seus próprios recursos naturais de zona tipicamente pioneira. De qualquer modo, no oeste não afetado ainda pelas culturas intensivas, desvirginantes, como nos outros três quadrantes do município, o que se observa com relação às construções rurais é que se consumou um aproveitamento total dos recursos do próprio meio.

---

(50) — Alice Pifer Cannabrava e Maria Teixeira Mendes, (trabalho citado), louvando-se em dados do Recenseamento de 1934 ainda não publicados, afirmam que as casas cobertas de palha representam apenas 11,55% do total de construções rurais da região a qual abrange os municípios de Piracicaba, Capivari, Rio das Pedras, Santa Bárbara, São Pedro, Monte Mor. Se Piracicaba isoladamente apresenta menor porcentagem do que essa é o que não queremos adiantar, baseados apenas em possivelmente enganosas observações pessoais.

Na grande extensão do território piracicabano, os recursos naturais de construção limitam-se aos produtos da argila, resultante esta do próprio solo, donde a generalidade do emprego do tijolo e da telha nas construções em geral.

Em regra, as casas dos colonos e camaradas – do tipo mais comum e, pode-se dizer mesmo “standard”, que se repete como padrão preponderante – compõem-se de quatro cômodos, que se classificam pela terminologia doméstica: dois quartos, sala de jantar (que serve ao mesmo tempo de sala de visitas) e cozinha. Esta, invariavelmente, tem dimensões amplas, tanto quanto as dos quartos e da sala, e nela fazem os moradores as suas refeições, quando não há um “coberto” externo usado, preferencialmente, para esse fim. A sala de jantar reserva-se para acolhimento de visitas e para as festas familiares, para os serões, para os jogos de cartas, para as músicas noturnas.

A maioria das casas rurais deste tipo tem o chão tijolado. Quase todas são rebocadas interna e externamente e pintadas a cal. Estas construções são sólidas e providas do madeiramento necessário, nas partes, no sentido em que esse termo é empregado pelos profissionais.

Há fazendas em que as casas dos colonos ou da “colônia”, mais modernas, de construção mais recente, estão dotadas de outros melhoramentos, sendo em não pequeno número as que têm soalho de tábuas e piso externo cimentado ou simplesmente tijolado. As colônias das usinas de açúcar são as que apresentam, como é natural, as melhores habitações rurais do município, não se falando, neste caso, das casas dos próprios fazendeiros e dos pequenos proprietários, sitiantes. Como no município as pequenas propriedades constituem número considerável, o mesmo ocorre com as casas de moradia mais de jeito a corresponder aos anseios de comodidade e bem-estar de seus moradores. As dos pequenos proprietários já ostentam melhor aspecto interno e externo, são mais amplas, atendendo às necessidades da família, no geral numerosa, abrangendo genros, noras, filhos casados, descendentes de dois até três graus.

Obedecem elas aos preceitos da higiene com algum rigor e

revelam constante preocupação de melhoria por parte de seus habitantes. Essa atenção explica-se, não apenas para habitações dos pequenos proprietários e fazendeiros, neste caso natural zelo pela coisa própria, como também para a dos colonos, quer das usinas, quer das fazendas, em virtude da condição de estabilidade em que se acha a população rural do município que, como veremos, é bastante característica.

No geral, a moradia dos sitiantes compreende, além da casa-mãe, outras construções acessórias, complementares, e comumente mas uma, duas ou três casas menores para colonos, camaradas e não raro para a parte da própria família do proprietário. Mas a habitação principal, em que se abriga a família do lavrador, ou a maior parte dela, a ascendente, merece especiais cuidados e carinho, refletindo gerais anseios de bem-estar e comodidade. A disposição não varia de forma apreciável de quadrante para quadrante do território, conservando todas elas, neste ou naquele ponto, um cunho expressivo de semelhança, tanto no aspecto como na localização. As próprias colônias, aliás, se diferenciam apenas na disposição das casas, obedecendo umas às linhas das antigas senzalas – casas unidas em fila – e outras, de tendência moderna, casas isoladas, ou de duas em duas, gêmeas.

Mas as casas dos sitiantes apresentam, todas, idênticos e invariáveis complementos, um pequeno cercado fronteiro, às vezes caprichado na construção e no acabamento, aqui ou ali por cerca viva, denotando gosto artístico – em cuja área se cultivam flores e até frutas, e no meio delas as hortaliças, mesmo que nos fundos da casa se levante um indispensável pomar; a fossa, o poço, geralmente bem trabalhados, como “coisa feita para durar”.

Mas nós estamos demorando em detalhes que não interessam propriamente a este estudo, quando o nosso empenho é apenas assinalar a atenção que devem merecer as habitações rurais, como fator essencial que é para o estímulo das atividades agrícolas, como forma de padrão de vida, elemento de grande responsabilidade na adaptação ao meio social.

De fato, a habitação, verdadeiro ambiente de repouso, é con-

dição indispensável ao bom êxito do ruralismo, e na sua construção deve aplicar-se a melhor atenção e o maior cuidado, levando-se mesmo essa atenção ao ponto de reconstruírem-se e modernizarem-se as casas velhas destinadas a moradia, de modo que se corrijam suas condições de insalubridade e defeituosa distribuição interna. Todo dinheiro gasto para esse fim – ou na construção de habitações verdadeiras ou na modernização das antigas construções – será bem aplicado, pois redundará na satisfação de uma necessidade imperiosa, que implica, na verdade, em saúde e bem estar da família, disposição para o trabalho, satisfação íntima e melhor adaptação do homem ao ambiente agrário. Como a alimentação, a moradia é base também de uma necessária “sociedade rural”.

### ***“Sociedade Rural”***

E se a habitação faz parte do padrão de vida, se habitação responde, como fator de grande força, pela interação humana na sociedade e, também, na “sociedade rural”, pode-se dizer que Piracicaba já ostenta, pelo menos delineado, um conjunto de realidades necessárias à estrutura dessa entidade social, para a qual, aliás, contribui bastante o regime policultor, base de um sistema de alimentação favorável.

No município, com efeito, na sua zona extraurbana, vamos encontrar esse acento de organização rural, de uma quase “sociedade rural”, de uma quase “consciência rural” de que carecem, em regra, os núcleos agrários de São Paulo e do Brasil. Não vai além entretanto, de um primeiro indício de formação. Mas daqueles núcleos pode-se dizer que os únicos caracteres de ruralismo que apresentam são a sua localização naquela área extraurbana e o trabalho da lavoura ou de pecuária. Que são grupos rurais porque se situam na zona rural. Que são núcleos rurais porque vivem do trabalho agrícola ou pastoril.

Mas esses caracteres, aspectos parciais do ambiente físico agrário e da produção extrativa, não bastam à organização de uma sociedade rural. Fazem-se necessários, indispensáveis, todos os demais fatores de interação humana – todas as instituições próprias ao

meio social rural, que atendam às necessidades sociais do homem, que lhe dêem uma consciência de grupo, que enfeixem e correspondam às várias formas de vida coletiva: - econômica, recreativa, religiosa, artística, cultural.

A ausência desses fatores nos núcleos rurais impede a formação e floração de uma consciência rural capaz de assentar sobre os próprios esteios do ambiente e da produção de um “estágio de cultura”, uma civilização orgânica e tão fundamentalmente constituída que os choques econômicos não possam sozinhos acarretar a ruína geral, o esfacelamento de todo organismo.

Típico, altamente expressivo, o exemplo do Nordeste da “civilização do açúcar”, do Nordeste do senhor do engenho.



A “civilização do açúcar”, oriunda da vantajosa situação econômica alcançada pela monocultura da cana de açúcar no Nordeste, reflete em verdade uma organização agrária falha, sem fundamentos sociais, da qual os efeitos limitaram-se exclusivamente aos frutos materiais, econômicos. Nada de consequências morais, espirituais. Nada de resultados sociais. Suas bases foram tão falsas e artificiais, que a “civilização do açúcar” não conseguiu resistir ao completo desmoronamento quando lhe faltaram os recursos financeiros, quando lhe faltaram os elementos materiais, quando lhe faltou o braço escravo, isto é, quando o trabalho agrícola tornou-se mais ou menos facultativo. Ao desaparecer uma modalidade de regime de trabalho tudo correu por água-abaixo, nada sobrou da antiga pujança, nem mesmo a força econômica da “civilização do açúcar”. Poder-se-á dizer que toda a riqueza, toda a força, toda a vida do açúcar imperial estavam calcadas no braço escravo. Mas o regime de trabalho escravo já é, por si mesmo, uma completa inadaptação social. Foi esse regime que não permitiu que nem a massa escrava nem os aristocratas, nem os explorados nem os exploradores, criassem amor à terra.

Mas daquela civilização – daquele estágio de cultura que o di-

nheiro do açúcar fez surgir no Nordeste, daquela técnica agrária introduzida ali com a cana de açúcar, daquela interdependência direta entre o homem e o solo, daquele estado de coisas para o qual a agricultura serviu de pedra básica, justo seria esperar tivesse perdurado um corpo social agrário, uma consciência rural, uma mentalidade de tal forma plasmada que não permitisse fosse em derrocada todo progresso conseguido à custa de muito esforço, de dolorosos sacrifícios.

É que faltaram ao Nordeste da cana de açúcar, (como faltam a toda a área rural do Brasil, a todos os nossos núcleos agrários), as várias formas de padrão de convívio, de interação humana, de entidade social, os vários atributos que respondessem pela estruturação de uma “sociedade rural” capaz de uma consciência rural, geradora de uma civilização rural, do açúcar por acidente como poderia ser do café, ou do couro. Mas uma civilização, um estágio de cultura que se fortalecesse através dos anos tanto na base econômica como na base moral e espiritual.

Dos variados estudos do Sr. Gilberto Freyre sobre o Nordeste ressalta a inadaptação do homem ao meio – meio social – ao regime de trabalho, ao qual o homem teve que se sujeitar, como escravo. “A civilização brasileira do açúcar – diz o Sr. Gilberto Freyre <sup>(51)</sup> – que culminou em Pernambuco, teve de depender do escravo negro de modo absoluto”. E o próprio autor cita a frase do Padre Vieira, que “viu no negro o Cristo da civilização do açúcar”: – “ Não há trabalho nem gênero de vida no mundo mais parecido à Cruz e à Paixão de Cristo que o vosso em um desses engenhos”.

Essa inadaptação social ao meio, ao trabalho, fez do negro um “mau agricultor” no Nordeste – mas exclusivamente no Nordeste do senhor de engenho, do “aristocrata da cana de açúcar”. É ainda o sociólogo pernambucano que nos adverte de que na África o negro não se mostrara, como raça ou grupo social, esse mau agricultor em que se transmudou no Nordeste. Como também, no mesmo ambiente físico agrário do Nordeste o negro “deu este exemplo

---

(51) — GILBERTO FREYRE - “Nordeste” - 1937.

de aptidão para a lavoura: Palmares. Se na África houve áreas de cultura cuja organização social – fortemente superior à dos nossos indígenas – se baseou toda sobre o trabalho agrícola – como no Sudão Ocidental e no Congo, por exemplo – no Nordeste do Brasil, os negros fugidos souberam organizar-se numa verdadeira colônia agrícola de feição socialista”.

Vê-se que, em última análise, se trata de uma simples questão de adaptação, de ambiência social, de interação humana na sociedade. Na própria expressão do Sr. Gilberto Freyre – “feição socialista” – está condensada a idéia de “estágio de cultura” a que, em Palmares, o negro se adaptou sem imposições, mais que isso, que o negro buscou imperiosamente.

### *O drama do Nordeste*

O Nordeste de hoje reflete ainda idêntico agudo desajuste entre o homem e o ambiente agrário. Porque a “civilização do açúcar” não frutificou em resultados sociais, psicológicos, favoráveis à instituição de um padrão de convívio, à adaptação social – não criou a mística rural. Pelo contrário, fez do homem um inimigo da terra, fez da terra um carrasco do homem, fez da cana de açúcar um símbolo de tortura.

Do que seja a situação do trabalho agrícola no Nordeste, situação que reflete a inadaptação do homem ao meio social, que põe ao vivo a inexistência de uma “sociedade rural”, apesar do longo período histórico de preponderância da economia agrária na região, nos dão uma idéia precisa os seguintes tópicos do Sr. Gilberto Freyre<sup>(52)</sup>:

“Há nesta nova fase de desajustamento de relações entre a massa humana e o açúcar, entre a cana de açúcar e a natureza por ela degradada aos últimos extremos, uma deformação tão grande do homem e da paisagem pela monocultura – acrescida agora do abandono do proletariado da cana à sua própria miséria, da ausência da antiga assistência patriarcal ao cabra de engenho – que não se

---

(52) — GILBERTO FREYRE — “Nordeste” — 1937.



imagina o prolongamento de condições tão artificiais de vida”.

“O açúcar de usina parece que deixou de entrar com qualquer contingente na valorização da vida e da cultura do Nordeste, para ser apenas o sinal de – em tudo: a diminuição da saúde do homem; a diminuição das fontes naturais da vida regional; a diminuição da dignidade e da beleza da paisagem; a diminuição da inteligência, da sensibilidade, ou da emoção da gente do Nordeste, que hoje quando se manifesta é quase sempre em atitudes de crispação, de ressentimento e de revolta”.

Entretanto, parece-nos por demais romântico pretender o sociólogo pernambucano atribuir condições melhores de vida, de interação humana, de adaptação social, rural, na vigência do senhor escravocrata – o próprio regime de trabalho escravo é um argumento gritante contra essa pretensão sentimental – ao tempo em que o negro foi o “Cristo da exploração do açúcar”. O próprio autor é quem argumenta, e conclui. São suas palavras: “Os que associam esse “ódio à lavoura” do preto ou trabalhador brasileiro e de origem africana a uma suposta predisposição de raça, esquecem o amor à terra, manifestado pelo preto, na África”. “Se muito negro fugiu dos engenhos, ou trabalhou toda vida sem vontade nos canaviais, não se deve concluir daí que os pretos fossem todos uns malandros, uns incapazes, uns inadaptados à lavoura”. “O mau agricultor” que se enxerga no negro e no trabalhador brasileiro de origem africana é provavelmente outro caso daqueles de deformação do homem, causada pelo sistema de exploração da terra aqui dotado – a monocultura, o latifúndio, a escravidão, a coivara, a derrubada. Tudo isso tira o amor do homem à lavoura – do branco como do preto, do senhor como do escravo; e reduz a terra a um monturo que se explora com nojo”.



Quais sejam os atributos sociais, os característicos dessa “sociedade rural”, define-os o Sr. Juvenal Paiva Pereira quando ob-

jetiva o que devemos ter em mira para a ruralização no Estado de S. Paulo<sup>(53)</sup>:

“Aqui o que se torna preciso fazer é ir criando, formando uma sociedade agrária, pela fundação, nos meios rurais que possuímos, de órgãos, agências de vida econômica, grupos de contato social, de cooperação; entidades de administração; e depois, sedes de interação e de comunicação religiosa, recreativa e cultural. Tudo isso, porém, de tal modo que o nosso homem do bairro, do mais humilde ao mais destacado, tenha a impressão de lhe serem coisas necessárias, úteis, em cuja fundação ele interferiu, pelas quais deve ajudar a zelar; que lhe pertencem em parte; que são do bairro; fruto, instrumento e objeto de suas preocupações, dos seus entusiasmos, de sua ambição”.

Quem folheia os jornais de Piracicaba encontra, diariamente, nas suas seções de esportes, notícias referentes a clubes dos bairros rurais do município. Quase todos os núcleos extraurbanos de Piracicaba têm o seu clube de futebol que, aos domingos e feriados, disputam partidas entre si e com os clubes da cidade. Por pueril que pareça, esse fato é bem indício de uma interação humana, pois vislumbra-se nessas associações esportivas um traço específico de grupo, de consciência social.

### *Fixação do trabalhador rural*

Gozando de clima marcadamente saudável e ameno, a população rural usufrui de bem organizado serviço de saneamento e profilaxia e assistência médica gratuita, do qual se encarrega o Centro de Saúde estadual, em cooperação com a Municipalidade.

Por outro lado, apontam-se no município 150 professores rurais – exemplo único em São Paulo – que educam 8.712 crianças, ministrando-lhes o ensino primário<sup>(54)</sup>. É um fato altamente significativo, pois cabe a escola, como se sabe, função fundamental para

---

(53) — JUVENAL PAIVA PEREIRA — “o PROBLEMA RURAL” — in REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — vols. XLVI e XLVIII — 1938.

(54) — Recenseamento escolar, demográfico, agrícola-zootécnico do Estado de São Paulo — 1934.

a perfeita ruralização. Em Piracicaba, aliás, a escola rural está bem adiantada no sentido de subordinar-se aos problemas e às finalidades sociais do ambiente agrário. Em apenso a este trabalho transcrevemos uma súmula das atividades de um dos grupos escolares rurais do município, bastante ilustrativa.



Outro elemento de fixação do trabalhador rural, que em Piracicaba está grandemente difundido, é o sistema de lavoura de parceria, o qual reduz quase que por completo a instabilidade do operário do campo, em benefício direto do fazendeiro, do próprio operário e da produção.

“O operário rural quando, por parceria, é sócio do lavrador, está vinculado à produção. Os seus interesses vinculam-se na produção e não no ordenado. Se o ano não foi favorável, o lavrador, com parceria, corre menos riscos. Se os prognósticos não são esperançosos, o lavrador, mesmo assim, inicia nova cultura, porque o seu empate de capital é menor na parceria. Além disso, de ano para ano, a agricultura se torna mais constante porque a mão de obra não se dispersa. Não há dispersão do braço agrícola, porque o interesse na terra é grande, e o meheiro sabe que o amanhã da terra é, ao menos, a garantia de sua subsistência. Quando o preço de produtos agrícolas está baixo, o lavrador sozinho não empreende, pelo sistema de camaradas, o cultivo de suas terras. Na verdade, o lavrador só tem vantagens com a meiação porque fica livre dos perigos das fortes oscilações de mercado, muito prejudiciais e, às vezes fatais aos seus balancetes. Naturalmente, existem casos em que os meheiros não dispensam o devido interesse à cultura, não são esforçados, e tais casos constituem, porém, exceção, pois a regra geral é de que o homem ambiciona, pelo menos, garantir a sua própria subsistência”.

“Este sistema, de cuidar das culturas, teve origem na falta de braços, ou melhor, em virtude da alta de salários, devida à escassez

de trabalhadores, que, por sua vez, é resultado do aumento rápido da área cultivada. Caracteriza este sistema, o cuidado garantido das culturas e a estabilização do colono, o qual, em compensação, tem direito a uma parte da colheita. Por esse processo, o fazendeiro empata menor capital, auferir lucros proporcionais e corre menos risco. Para o Estado, isto quer dizer: produção mais garantida (maior probabilidade de produção) e vida rural mais permanente<sup>(55)</sup>.



Cumprir ainda salientar a função que exerce nas populações rural e urbana um adiantado estágio de colonização. Sabe-se que o ruralismo sadio, verdadeiro, consiste na fixação do trabalhador agrário à gleba e na atração das populações citadinas às lides do campo, desenvolvendo na mais alta escala seus pendores pelo trabalho da terra, pendores que subsistem, latentes, na nossa geração. Quanto mais adiantado, pois, o núcleo rural de uma região, mais influente será a ruralização, com o conseqüente desaparecimento do tão nocivo êxodo dos campos.

Oliveira Viana considerou que, entre nós, é geral e profunda “a ilusão de que é possível, principalmente nestes interiores do nosso país, a formação de cidades progressivas e florescentes sem uma organização progressiva e florescente da vasta zona rural, que as circunda”<sup>(56)</sup>.

Em Piracicaba – comprova-o a preponderância da população rural sobre a citadina – nota-se um verdadeiro paralelo entre o progresso e o desenvolvimento do núcleo agrário e da zona urbana. Para esse equilíbrio tem contribuído, nos últimos anos, a par de

---

(55) — PAULO CUBA — “Um apoio firme para a principal alavanca da produção agrícola” — in REVISTA DE AGRICULTURA — vol. XIV-1-2 — 1939.

Este autor aponta como característicos gerais da organização agrícola para estabilização da vida rural os seguintes fatores: 1) — Saúde; 2) Meiação; 3) Cooperativa de venda; 4) Ambiente social. Condensa-se, de fato nesses quatro itens, a solução possível do problema rural paulista, desde que a Educação se inclua no fator “Ambiente social”.

(56) — OLIVEIRA VIANA — “As pequenas comunidades mineiras” — in REVISTA DO BRASIL — ano III, nº 31-1918.

intensa subdivisão de latifúndios, a progressiva facilidade dos meios de comunicação, os trabalhos de saneamento, que têm sido consideráveis, e, em pequena parte, relativos carinhos e proteção dos últimos governos municipais às populações campesinas.

Tais são, na verdade, os principais fatores de êxito da ruralização. A eles devem atender os nossos prefeitos municipais, quando não o governo do Estado, lembrando-se de que seu dever não é apenas o de “embelezar”, polir, civilizar a “cidade”, mas também, e principalmente, cuidar com desvelo e melhor atenção da zona rural, do “município”, dessa vasta área “onde labora a população obscura dos campos, na faina de desentranhar da terra fértil ou safara essas riquezas, de que as cidades vivem e que são a causa primeira do seu progresso e da sua florescência”...

Está mesmo no âmago da sociologia a solução do problema da colonização rural. Já o educador João de Toledo frisou algo do que requer essa solução<sup>(57)</sup>:

“A subdivisão das grandes propriedades rurais, em lotes, tornando fácil a aquisição de uma pequena área pelo colono, é talvez o melhor modo de fixação deste; a abertura de estradas de rodagem e a construção de estradas de ferro com transportes rápidos e baratos, são outro meio de interessar o povo na cultura da terra; as comodidades e o embelezamento das moradias rurais que as crônicas, as novelas, o jornalismo e a propaganda escolar podem favorecer, criando gosto e apego pelas coisas da natureza, suavizam a vida da roça”.

Em Piracicaba muito ainda há de fazer, apesar do muito que já se fez. Em matéria de vias de comunicação mesmo, aí está a rica região do oeste piracicabano – pródiga de possibilidades de produção e riqueza – a aguardar os trilhos de um prolongamento da Estrada de Ferro Paulista e os traços das rodovias estaduais e municipais.

Entretanto, já uma grande medida tivemos há pouco tempo, em benefício da fixação do homem do campo ao núcleo rural: - a nossa última reforma tributária, dificultando o estabelecimento

---

(57) — JOÃO DE TOLEDO- “Escola Brasileira” - 1925.

de pequenos negociantes nas zonas urbanas, veio contrapor forte obstáculo à sedução exercida pela cidade sobre os trabalhadores do campo, atração que bem salientou o prof. João de Toledo:

“Começa, deste modo, a vida urbana a exercer decidida atração; tem encantos mais vivos, suscita emoções mais enérgicas. Aí talvez a causa de um exodo manifestado no campo, nos últimos tempos, contrariando tendências primitivas. Os que conseguem uma pequena economia vão estabelecer-se nas cidades”.

### *Deslocamento da população urbana*

Seja-nos permitido, neste passo, afirmar que em Piracicaba não se registra, pelo menos de modo sensível, esse abandono do campo, que ultimamente vem assustando os administradores e sociólogos de todos os grandes países. Nem tampouco aí se observa outro deslocamento, característico das zonas de grandes propriedades, qual seja o da população rural no interior do mesmo município ou de um município para outro – e que é o deslocamento dos colonos que, findos os seus contratos numa fazenda, vão cumprir novos compromissos em outra propriedade, sempre em busca de uma melhoria que nunca alcançam.

O que em Piracicaba se verifica anualmente é justamente quase o oposto dessa mobilidade periódica: “é um deslocamento da população da cidade para zona rural na ocasião do corte da cana que se faz em maio, junho. As usinas que possuem enormes plantações de cana, recrutam na cidade os seus camaradas entre diaristas, desempregados e mulheres; a própria usina efetua o serviço de transporte em caminhões ou jardineiras. Terminado o corte da cana, muitos dos recrutados ficam nas usinas engajados nos serviços de preparo da terra que se iniciam logo depois.

A cultura do algodoeiro introduziu mais recentemente um novo deslocamento que se efetua simultaneamente com o anterior: é um movimento da população pobre da cidade para o campo nos meses de maio, junho e julho, quando desabrochados os capulhos urge colhê-los para evitar possíveis deteriorações. Como o corte da cana, a colheita do algodão, ainda se alia à colheita das laranjas e seu preparo para a

exportação; durante três meses, uma parcela urbana sai pela manhã e volta à cidade, à noite, com as primeiras sombras. São homens, mulheres, crianças, toda a população pobre da cidade; em consequência, durante essa época, a cidade sofre a falta de criadas domésticas; nenhuma delas resiste aos salários melhores que lhes proporciona a colheita de algodão<sup>(58)</sup>. Esses deslocamentos que podem ser observados na região se registram num espaço limitado às redondezas de cada município.

A zona pioneira não deslocou o colono da região; o trabalho ininterrupto das usinas, os contratos de parceria para a cultura da cana, e depois, para a do algodão, foram móveis poderosos que reteram o operário do solo no âmbito da zona<sup>(59)</sup>.

Pode-se vislumbrar aí um verdadeiro congaçamento de trabalhadores urbanos para os serviços rurais, que ainda mais se envolve de interesse quando se sabe atingir a elevado número a massa humana que, da cidade, se locomove nas épocas de safra, quer de cana de açúcar, quer de algodão, quer de laranja, atraída pelas vantagens oferecidas pelo trabalho agrário. Tal se dá em virtude da adiantada organização rural do município, a qual poderia estender-se beneficentemente por todo o Estado, com menor ou maior facilidade nesta ou naquela região, resultando poder-se dizer de todos os trabalhadores rurais de São Paulo com as palavras de Lyder Sagen sobre o camponês da Dinamarca, e que se aplicam perfeitamente ao lavrador piracicabano:

“Cada homem sabe quanto vale realmente a sua pessoa e os seus direitos, quer como indivíduo, quer como membro da comunidade. Isto não significa que o pequeno lavrador haja atingido a perfeição social ou política, ou que deseje fazer alarde da sua condição. Não. Em geral, ele se sente satisfeito com o seu modo simples de viver e não cogita, absolutamente, de ser mais do que na verdade é. E justamente para que

---

(58) — *Paga-se em média 2\$000 à 2\$500 por arroba de algodão colhido (às vezes esse preço se eleva à 5\$000 quando se apressa a colheita). Uma mulher auxiliada pelo filho, colhe mais ou menos 3½ a 4 arrobos por dia. Na cidade o salário das empregadas domésticas é de 2\$000 por dia, em média. É preciso notar, entretanto, que as empregadas domésticas recebem casa e comida além do seu salário, o que não acontece com as colhedoras de algodão.*

(59) — ALICE PIFER CANABRAVA E MARIA TEIXEIRA MENDES — “A Região de Piracicaba” — in REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — Vol. XLV — 1938.

tal espírito coletivo se mantenha nesse nível, o Estado (proporciona, dizem os dinamarqueses; deveria proporcionar, dizemos nós) todos os meios de assistência ao trabalhador rural, já estimulando o amor próprio do pequeno lavrador para que ele seja orgulhoso do seu trabalho honesto e inteligente, já cooperando para que a sua propriedade se valorize e se desenvolva com a facilidade do crédito agrícola”<sup>(60)</sup>.



Esse conceito do estudioso da Dinamarca, que corresponde exatamente pelo segredo do êxito sem reservas de Piracicaba como município agrícola, traria a maior felicidade para São Paulo todo se a política que dele emana fosse praticada pelos poderes públicos em todos os municípios bandeirantes.

Dispõe o lavrador piracicabano, na verdade, como se não observa em outro núcleo qualquer, das vantagens altamente benéficas do crédito agrícola – mas aí também eivado de todos os malefícios que a agiotagem impõe e a ambição humana aproveita em prejuízo dos fracos e necessitados.

E, diga-se sem rebuços, esse ainda muito relativo crédito de que gozam os lavradores piracicabanos não foi oferecido, nem foi promovido ou facilitado pelas administrações públicas, que só agora ensaiam os primeiros passos nesse sentido; foi conquistado pelos lavradores do município, foi imposto por eles, em razão tão somente de suas possibilidades produtivas e isso mesmo só depois de comprovadas e recomprovadas essas possibilidades.

---

(60) — LYDER SAGEN — “Dinamarca” — 1933.





## PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Tendo, por assim dizer, compreendido a necessidade do combate ao latifúndio, não poderia Piracicaba ter deixado de antever as consequências funestas resultantes da monocultura.

Desde os seus primórdios, a lavoura do município tem se caracterizado pela sua marcante policultura. Dentre os municípios bandeirantes, se Piracicaba se destaca em relação à elevada porcentagem de pequenas propriedades e diminuta área média dos próprios agrícolas, cabe-lhe também papel de relevo no movimento policultor, pois sua política agrária ostenta os índices da mais recomendável diversificação de culturas.

“Evitar a exclusividade nas explorações rurais com predomínio de uma única cultura” é, para Artur Torres Filho, a primeira das “medidas exigidas para uma campanha em prol da organização agrícola no Brasil”<sup>(61)</sup>.

Piracicaba atende a essa primeira exigência: produzindo bastante açúcar, cultiva também, em não pequena escala, tudo que é precipuamente necessário. A repartição das terras pelas diversas culturas é equitativa, obedecendo às necessidades de cada uma delas. Assim é que a área cultivada com arroz

---

(61) — ARTUR TORRES FILHO — “*Expansão Econômica do Brasil*” — 1935.

equivale ao dobro da em que se planta feijão – e a plantada com milho engloba duas vezes o total das duas primeiras – em perfeita harmonia com o consumo deste e daqueles cereais<sup>(62)</sup>. Essa mesma harmonia é observada na distribuição de terras para todas as outras culturas, de sorte que nenhuma se torna tão grande a ponto de fazer desaparecer as demais, ou cercear o seu desenvolvimento racional.

Observando a diversidade notável da produção agrícola de Piracicaba, disse o prof. Sud Mennucci:

“Aqui há de tudo, aqui planta-se e cultiva-se de tudo. Não faltam as grandes fazendas de café, mesmos as enormes e imensas, como na zona mais escandalosamente cafeeira de São Paulo. E nós encontramos o café não só para os lados do Tietê, mas no próprio coração do município, na Fazenda Pau Dalho, Floresta, como dos lado da Paulista, na Fazenda Taquaral e Boa e Bela Vista e Tijuco Preto, e para os lados de Limeira, nas Fazendas Santa Rita e Santa Rosa; e para os lados de Rio Claro, nas Fazendas Paraíso e Covitinga e Itaíba. Todos os quadrantes do município ostentam plantações de *coffea arabica*.

Mas, no meio desse café, quanta cana de açúcar. Fazendo de *pivot* a sede de Água Santa, estendem-se em cruz as faixas de terras roxíssimas, desde a Cruz Caiada até para além do bairro de Santo Antonio, desde Vila Nova e Capuava até Santa Rita, a região inteira sorri com seus canaviais viridentes. E todo o vale do rio Piracicaba, seja acompanhando o ramal de João Alfredo, para as colméias de Santa Lídia e, pulando a estrada de Limeira, a montante do Salto, no largo trato que margina o rio, dos dois lados, Silos, Meloni, Monte Alegre, Santo Antonio, Ponte Funda, os ca-

(62) — Áreas ocupadas por algumas culturas, no município:

Produto	Alqueires
Milho	6.942
Algodão	4.989
Café	3.678
Arroz	2.003
Feijão	1.130

(Estatística Agrícola Zootécnica do Estado de São Paulo – 1935-1936)

naviais dominam o horizonte, até para o lado de Dois Córregos, no amplo patamar por onde correm os trilhos do *tramway* da usina Monte Alegre, em direção a Taquaral. E essas culturas absorvem uma atividade prodigiosa.

O algodão pintalga, com seus verdes arbustos, que a sedosa e alvíssima cápsula contrasta, todos os recantos do município para ter a sua estação de estudos e de incentivo, ali às barbas da Estação de Tupi, centro de onde se espalha a boa semente, selecionada e fecunda.

A fruticultura, que foi uma das primeiras tentativas piracicabanas, e que não chegou a assumir, como em outras terras, o caráter de exclusividade, porque aqui nada consegue empolgar e implantar-se a ponto de virar monomania, a fruticultura tem em nossa terra representantes variadíssimos, desde a laranja, de muitas qualidades, à banana, de muitas espécies, à vide, com que em Santa Ana, por exemplo, se fabrica ótimo vinho.

Em volta da cidade, disseminados pelas centenas de pequenas quintas e chácaras, onde se cultivam todos os tipos de verduras comestíveis, que enchem de manhã cedo o nosso inesgotável Mercado de todos os legumes e hortaliças conhecidas, as frutas parecem crescer como uma bênção dos céu.

E os pomares não são uma exclusividades das terras próximas ao povoado, que lhes consomem os produtos. Paraíso é uma fazenda ao mesmo tempo que um pomar e exporta não só café, como frutas. Água Santa e Santa Ana são celeiros abundantes de frutas do mais saboroso paladar.

E os cereais, o milho, o arroz, a cevada, o próprio trigo, onde se andarà que não dêem e não se encontrem? E os bairros próprios à cultura da batata inglesa, da batata-doce, da cebola e do alho? Bairros, como Pau Queimado, que parecem inesgotáveis como vagas mágicas de fadas, exportadores de produtos, fazendo em larga escala a nomeada da uberdade da cidade e das suas terras.

Toda a zona rural de Piracicaba é um imenso formigueiro que trabalha e labuta nas fainas mais diversas e mais desencon-

tradas, apostados todos em fazer do querido torrão o município que se basta a si mesmo”<sup>(63)</sup>.



Basta, para se capacitar da justeza dessas afirmações, que se consultem os algarismos que representam alguns dos elementos da produção agrícola do município, cotejando-os com os que nos oferece a produção estadual<sup>(64)</sup>:

Produto	Piracicaba	Estado	% sobre o Estado
Mamona	3.390 k.	5.817.932	0,058
Farinha de mandioca	29.250”	43.493.690	0,067
Alfafa	13.300”	11.832.707	0,112
Vinho	6.150 l.	4.886.929	0,126
Café	136.312 ars	63.385.180	0,258
Batata	41.356 “	7.669,78	0,539
Feijão	22.633 scs	3.060.258	0,740
Arroz	81.315 “	7.517.511	1,082
Algodão	511.524 ars	31.181.250	1,640
Milho	417.324 scs	19.351.066	2,156
Polvilho	41.200 k	1.204.711	3,420
Fumo	7.695 ars.	127.457	6,037

Acompanhando de perto os demais elementos da lavoura piracicabana, a fruticultura apresenta-se integrada na sua política agrária por tal forma, que já pode ser apontada como um dos alicerces mestres da riqueza rural do município.

Essa posição que a fruticultura vem de ocupar na panóplia dos valores agrícolas municipais, é lhe conferida em razão do destacado

(63) — SUD MENNUCCI — *Aspectos piracicabanos do ensino rural* — 1934.

(64) — *Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo — 1935-1936.*

quinhão com que concorre para a manutenção da estrutura agro-econômica piracicabana. Verdade que tal, depende-se dos dados demonstrados no quadro seguinte:

FRUTICULTURA - Produção de Piracicaba em 1935(65)

Laranja	402.300 - caixas
Limão	7.035 “
Banana	1.010.150 - cachos
Abacaxi	120.214 - frutos
Uva	20.840 - quilos
Pera	6.870 - caixas
Manga	25.854 “
Abacate	5.963 “



Pode-se realmente afirmar que o sentido policultor da agricultura do município firmava-se já nos primeiros ensaios da colonização, o que permitiu o rápido desenvolvimento que Piracicaba revelou em todo o decorrer do século XIX. Em meados desse século Piracicaba já apresentava um conjunto agro-econômico que a colocava no mesmo plano de progresso em que se punha Sorocaba, de fundação muito mais antiga, com mais cômodas e propícias vias de comunicação com São Paulo e Santos. Daniel Pedro Muller, com o seu “Ensaio de um quadro estatístico da Província de São Paulo” nos enseja esse retrospecto comparativo pelo qual podemos deduzir que em 1836 a vila de Constituição (Piracicaba) já ganhava a dianteira como núcleo de produção sobre a de Sorocaba, o que aumenta de significação quando se recorda que Sorocaba foi fundada um século antes de Piracicaba. A riqueza agrícola das duas vilas no ano de 1936

exprimiam-se pelo números consignados por Daniel Pedro Muller que transcrevemos aqui:

Produtos	Sorocaba	Piracicaba
Café (arrobas)	770	4.699
Açúcar (arrobas)	2.390	115.609
Aguardente (canadas)	1.556	1.078
Arroz (alqueires)	3.342	6.422
Feijão (alqueires)	5.565	13.180
Milho (alqueires)	170.972	331.498
Azeite de amendoim (medidas)	20	40
Fumo (arrobas)	428	566
Algodão em ramos (arrobas)	704	480

Acresce ainda considerar que, por essa época, os preços mínimos de diversos gêneros encontravam-se em Piracicaba e algumas outras vilas da Província. Entre tais gêneros citava Daniel Pedro Muller no seu trabalho: *Açúcar branco*, preço máximo: 3\$300 a arroba – S. Sebastião. Preço médio: 2\$000 – Bragança, Santa Isabel. – 1\$700 em muitas povoações. Preço mínimo: 1\$180 – Constituição (Piracicaba). *Aguardente*, preço máximo: 70\$000 a pipa – Bananal. Preço médio: 40\$000 – Paranaguá. Preço mínimo: 14\$000 – Constituição (Piracicaba), S. Carlos (Campinas). *Farinha de milho*, preço máximo: 2\$230 o alqueire – Castro. Preço médio: 1\$280 – Em numerosas (*bastantes*) povoações. Preço mínimo: 720 a 640 – Bragança, Franca, Mogi-Mirim, Jacareí, Constituição (Piracicaba). *Feijão*, preço máximo: 3\$000 o alqueire – Paranaguá, Castro, Lorena. Preço médio: 2\$560 – 2\$000 em muitas povoações. Preço mínimo: 720, 640, 500 – Constituição (Piracicaba), Franca, Araraquara, Cunha. Milho, preço máximo: 1\$000 o alqueire – Bananal, Castro, Antonina. Preço médio: 850 a 640 – Em numerosas (*bastantes*) povoações. Preço mínimo: 500 a 640 – Constituição (Piracicaba), Franca, Bragança, Capivari, Porto Feliz. *Azeite de amendoim*, preço máximo: 640 a medida – Bragança. Preço médio: 480 – Santa Isabel. Preço mínimo: 320 – Constituição (Piracicaba), Capivari.

Para que se possa avaliar da importância daquela produção agrícola computada nas estatísticas de 1836, convém lembrar que a população de todo o distrito da vila de Piracicaba se compunha de 10.291 habitantes, ao passo que Sorocaba abrigava, 11.133. E por esses números poderá igualmente ser explicado o baixo preço dos cereais e outros gêneros produzidos pela lavoura piracicabana, mormente por saber-se que as comunicações entre a vila e S. Paulo e outras povoações se faziam então com grandes dificuldades. Comunicações com o sul apenas, pois todo o leste, norte e oeste do Estado constituíam nesses tempos da Província o sertão inculto e desabitado, para o qual Piracicaba servia de ponto de partida. Além do pequeno burgo de doze quarteirões, além das roças e dos engenhos que ladeavam a povoação nascente, só se encontravam posseiros e fugitivos em vida isolada, num e noutro ponto de todo o vasto território que atingia as águas dos rios Grande e Paraná, pelos campos de Araraquara ou ao longo do roteiro da Vacaria. Dessas existências humanas, convertidas depois em grupos de roceiros, em pouso de aventureiros, em núcleos de progresso, surgiriam mais tarde as cidades de Araraquara, Rio Claro, Limeira, Barretos, Rio Preto, Itápolis, Bariri, Pederneiras, Descalvado, Araras e tantas outras.

Piracicaba durante todo o período da colonização foi vista apenas por uma banda, aquela que fazia face para a metrópole, para a civilização. Nada absolutamente nada se lhe deu até hoje que não refletisse o interesse direto do sul do Estado, da zona que continuou geográfica e cronologicamente o progresso agroeconômico do braço que se estende para o Estado do Rio puxado pelo Paraíba. Como “boca do sertão”, pelo picadão de Cuiabá e pela via fluvial que partia mesmo do pé da vila, Piracicaba foi quem iniciou, graduou e acelerou a ainda hoje exaustiva “marcha para o oeste”, já socorrendo Iguatemi, já despachando da sombra de suas cabanas de beira rio os desbravadores abnegados. No entanto, até hoje – mais de um século passado – Piracicaba ainda anseia pela sua ligação férreo e rodoviária com o promissor oeste paulista, o eldorado que sua gente descobriu aos olhos da metrópole e da civilização.





Talvez por romantismo foi que abrimos esse parêntese quando estávamos tratando de demonstrar que a policultura é praticada intensivamente no município<sup>(66)</sup> e presumimos ter conseguido realizar o nosso intento com ajuda de todos os dados já expostos neste capítulo. Isto posto, tentaremos estudar algumas das culturas da lavoura piracicabana que, pelos aspectos interessantes que apresentam, são dignas de comentários.

### *Cana de Açúcar*

A cana de açúcar é fator de preponderância na estabilidade e desenvolvimento da economia municipal. Embora não seja elemento indispensável, dada a situação privilegiada de Piracicaba como núcleo agrícola, mercê da conjugação racional dos diversos componentes de sua riqueza rural, cuja base reside na policultura bem orientada, a produção de cana de açúcar constitui apreciável quinhão de renda, tanto para o município como para o Estado, eis que representa 20% do total da produção paulista<sup>(67)</sup>.

De acordo com recente depoimento<sup>(68)</sup>, o município dispõe de 4.233 alqueires cultivados com cana de açúcar, sendo 2.583 das grandes usinas e 1.650 dos pequenos engenhos. Todavia, calcula-se em 4.500 al-

(66) - "Salvo nos casos das grandes lavouras exclusivamente açucareiras, em todas elas se cultiva tudo. Daí a impossibilidade de precisar, no município, o domínio de culturas em determinada propriedade. Impossível ainda delimitar numa carta, uma zona característica onde predomine esta ou aquela categoria. Qualquer estrada que se tome nos levará inevitavelmente a propriedades de todos os tamanhos; com exceção das grandes usinas que estão, na sua maioria, nas proximidades do centro, talvez se possa dizer, com as devidas reservas, que as maiores propriedades estão de um certo modo afastadas do centro e que a maioria dos sítios e fazendinhas se localiza à beira da estrada, de modo a poder se comunicar facilmente com a cidade, que é sempre, para elas, o centro de consumo. Mas isso, repetimos, com certa reserva porque, caso contrário, incorreríamos no erro de incluir no domínio da grande propriedade, centenas de pequenas glebas que estão como que encaixadas em grandes propriedades das quais fizeram parte até há pouco tempo." ALICE PIFER CANABRÁVA E MÁRIA TEIXEIRA MENDES - "A Região de Piracicaba" - in REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL - vol. XLV - 1938)

(67) - Ver, neste trabalho, o capítulo sobre indústria açucareira.

(68) - A. CORRÊA MEYER - "A cana de açúcar e sua industrialização em Piracicaba" - in DIÁRIO DE PIRACICABA - 12-11-1938.

queires a área realmente cultivada com a cana, o que representa 7,4% da superfície total do município. Não obstante, a produção do açúcar com as atuais instalações das usinas locais atingiria 650.000 sacas, se o Instituto do Açúcar e do Alcool não tivesse limitado sua quota a 321.660 sacas.

Aquela área cultivada com cana – representando a porcentagem de 7,4 do território piracicabano – exprime bem o sistema de cultura vertical da cana de açúcar, sistema que impera no município e faz de Piracicaba um centro açucareiro modelar na América do Sul. Sugestivo se nos parece, neste passo, um confronto entre a situação dessa lavoura em Piracicaba e no Nordeste do Brasil, região tradicionalmente açucareira. Diz, sobre a cultura da cana de açúcar nos núcleos nordestinos, o sr. Gilberto Freyre<sup>(69)</sup>:



*Experiência de irrigação de canavial em Piracicaba*  
(Foto da Estação Experimental de Cana de Açúcar)

“Entre nós, essa cultura por extensão se tem feito a grande e em prejuízo dos interesses gerais da região. Em Pernambuco ela ocupa  $\frac{3}{4}$

(69) — GILBERTO FREYRE — “Nordeste” — 1937.

da zona chamada da mata – a mais fértil do Estado. Não se dá atenção à semente. Quase não se liga importância às doenças da cana”.

“Aqui, como Cuba, a indústria de açúcar quase só tem feito crescer “territorialmente”, ao mesmo tempo que o homem vem sendo diminuído por ela, que as águas vêm sendo degradadas pelas usinas, as matas devastadas pelo sistema monocultor”.

A esse quadro verdadeiramente desolador opõe-se, em traços rápidos, a situação da lavoura açucareira piracicabana, com estas palavras do sr. A. Corrêa Meyer<sup>(70)</sup>:

“No que se refere à cultura propriamente dita, Piracicaba é talvez o município do Brasil, cujas usinas apresentam as melhores lavouras de cana, não só porque se pratica o preparo racional da terra, sem se descuidar de conservar a sua fertilidade pela incorporação de adubos, como também porque o cultivo mecânico e a escolha das variedades obedecem ao critério do melhor aproveitamento agrícola e industrial.

As variedades javanesas e indianas, preconizadas como as mais resistentes, ricas e produtivas, encontraram nas condições mesológicas do município todos os fatores indispensáveis ao seu desenvolvimento e produção, e o rendimento médio que oferecem, por unidade de superfície, cem toneladas por alqueire, é dos mais elevados do Estado e do país”.

“Tal tem sido o progresso da lavoura e da indústria da cana em Piracicaba que o resultado de suas atividades se projeta em todos os centros canavieiros do país, atraindo a atenção dos agricultores e industriais para o que aqui se realiza sob firme orientação técnica. De Piracicaba partiram, para todas as zonas canavieiras do Brasil, os primeiros ensinamentos sobre o “mosaico”, terrível moléstia que aniquilou as plantações das antigas variedades, e as primeiras mudas de canas resistentes àquele mal”.

Apreciaremos a importância dessa lavoura, que também torna

---

(70) — A. CORRÊA MEYER — “A cana de açúcar e sua industrialização em Piracicaba — in DIÁRIO DE PIRACICABA — 12-11-1938.

Piracicaba destacada fonte de renda do orçamento federal, quando tratarmos dos aspectos da indústria agrária do município, na parte referente ao açúcar .

### *Café*

A lavoura cafeeira não tem, no município, a importância que a caracteriza nas grandes zonas paulistas em que essa cultura assume feição exclusivista. Produzindo 147.000 arrobas em 1896<sup>(71)</sup>, Piracicaba produziu quase tanto em 1935, isto é 163.312 arrobas<sup>(72)</sup>, decididamente muito menos do que produziria se tivesse dedicado ao café a mesma energia empregada no fomento de outras culturas.

Ao mesmo tempo em que ascendem os índices referentes às demais lavouras, nos primeiros anos do século em curso, a cafeicultura se estabiliza e, a seguir, decai. Essa decadência, porém, embora fortemente acentuada em cotejo com outras culturas do município, não apresenta idêntico colorido se comparada com o desenvolvimento da mesma lavoura nos demais municípios.

Há, em Piracicaba, 1.050 propriedades que, a par de outros ramos agrários, também se dedicam ao cultivo do café. Não devemos esquecer nunca que, como dissemos, não há no município fazendas ou sítios que produzam exclusivamente a rubiácea. Esse número – 1.050 – representa apenas 1,19% das propriedades cafeiculturas que se contam no Estado, em número de 88.230.

Essa porcentagem, parecendo à primeira vista indício de importância dessa cultura no município, deixa de ter esse valor aparente ao observarmos que:

a – as propriedades locais que se dedicam ao cultivo do café, reservam para essa cultura apenas uma pequena parte de sua área;

b – a área total laborada com o café, no município, é de 3.678

(71) — *Relatório da Repartição de Estatística do Estado de São Paulo – 1896.*

(72) — *Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo – 1935-1936*

alqueires, isto é, 0,467% da cultivada no Estado, estimada em 788.297 alqueires;

c- os cafeeiros de Piracicaba – 7.258.840 – representam somente 0,481% do total paulista, que atinge a 1.508.764.425 pés<sup>(73)</sup>.

A análise de tais algarismos evidencia a existência de grande número de pequenas propriedades cafeiculturas em Piracicaba, trabalhando cada uma, em média, menos da metade de sua área com café – pois o município apresenta sobre os totais do Estado 1,19% de fazendas de café e somente 0,467% de área plantada com esse produto. Estamos comprovando, assim até com a monopolizante cultura cafeeira, o regime policultor do município, que, não obstante, em princípios do séculos XX foi grande produtor da coffeea arabica. Basta dizer que em 1900 era esse produto “a grande e principal riqueza do município”<sup>(74)</sup>:

A divisão das propriedades cafeeiras do município e a sua distribuição pelo número de cafeeiros em produção registram-se de acordo com o seguinte quadro<sup>(75)</sup>:

Até Pés	5000	10.000	20.000	50.000	100.000	250.000
Nº de prop.	733	185	83	36	7	6

Como se vê, não há no município nem uma propriedade com mais de 250.000 pés de café. Entretanto, pode-se verificar rapidamente que essa cultura não sofreu grande recuo, pois no período de sua maior expansão, isto é, em 1928, contava o município 8.697.400 pés<sup>(76)</sup>, pouco mais, portanto, do que possuía em 1935 – 7.258.840. Consigne-se ainda que, desse total existente no ano de 1935, são cafeeiros novos cerca de 11.000 pés<sup>(75)</sup>, o que comprova não estar em

(73) — Todos os dados citados foram extraídos da Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo – 1935-1936.

(74) — Almanaque de Piracicaba – 1900.

(75) — Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo – 1935-1936.

(76) — O café: Estatística de Produção e Exportação – 1928.

abandono, no município, a cultura do café. Como também merece registro o fato de se encontrarem em Piracicaba, 200.000 cafeeiros abandonados e, no Estado, 63.560.624<sup>(75)</sup>. Proporcionalmente os demais municípios paulistas abandonaram maior números de cafeeiros. Enquanto no Estado, 4,213% dos cafeeiros deixaram de ser cuidados, neste município somente 2,755% foram votados ao descaso.

### *Algodão*

O algodão, que de novo ocupa a agricultura paulista, tomando pronunciada importância no nosso comércio exterior, já com sua produção mais aperfeiçoada, já com aumento do consumo do mercados importadores, encontrou meio favorável em Piracicaba para a sua expansão e melhoria. Nem poderia deixar de ser assim, por isso que as terras do município são preconizadas, desde os primórdios da vida piracicabana, para, dentre outras, essa espécie de cultura, do que resultou ser o município em estudo, sempre que foi necessário a sua produção em grande escala, um dos mais fortes fornecedores desse produto.

Entretanto, após uma fase de grande prosperidade, inscrita desde os tempos coloniais até princípios do presente século, a cultura algodoeira entrou em decadência, para quase desaparecer, até que novo surto se verificasse, auspicioso, em 1905 e 1906, quando a produção do município marcou grande destaque no cômputo geral do Estado. Nesses dois anos, o total produzido por Piracicaba foi de 17.790 e 20.000 arrobas<sup>(77)</sup>.

Até 1932, porém, essa cultura parece que, se não desapareceu por completo, pelo menos entrou em novo período de declínio, a ponto de não merecer qualquer referência. Mas neste último ano refloriu com notável intensidade, tão colorida que chegou a assumir o aspecto de cultura nova.

---

(77) — *Relatório da Secretaria da Agricultura - 1905. Relatório da Repartição de Estatística do estado de São Paulo - 1906.*

Nos últimos anos – os subsequentes à queda do café – a produção algodoeira de Piracicaba exprimiou-se, em arrobas, pelos seguintes algarismos:

1932 <sup>(78)</sup>	1933 <sup>(79)</sup>	1934 <sup>(80)</sup>	1935 <sup>(81)</sup>
43.787	96.141	356.277	511.524

Em consequência desse extraordinário desenvolvimento da cultura do algodão, a área, em alqueires, por ela laborada apresenta no mesmo período este sincrônico crescimento:

1932 <sup>(78)</sup>	1933 <sup>(79)</sup>	1934 <sup>(80)</sup>	1935 <sup>(81)</sup>
429,50	906,00	2.745,25	4.989,50

Ao reaparecer, no município, a cultura algodoeira, em 1932, a sua safra alcançava, como se viu, 43.787 arrobas, muito menos, portanto, que a dos últimos anos do anterior período de exploração. Em 1.918 a produção do município orçava em 67.269 arrobas<sup>(78)</sup>. Já em 1933 a safra atingia 96.141 arrobas, tendo, pois, duplicado de um ano para o outro. E, finalmente, em 1935, essa produção tornava-se dez vezes maior, como já verificamos.

Esse incremento da lavoura algodoeira, entretanto, em nada prejudicou os demais ramos da agricultura municipal, alguns dos quais, e justamente os principais deles, tiveram idêntico ou maior desenvolvimento, como, por exemplo, a citricultura e a lavoura de cereais.

No município, encontra o algodão condições favoráveis, devido às quais sua produção é em média de 120 a 150 arrobas por alqueire paulista, chegando mesmo algumas terras a produzir até 180 arrobas. (Estatística Agrícola-Zootécnica do Estado de S. Paulo – 1934-35).

Além disso, outro fator que em grande parte facilita a exploração da cultura algodoeira no município é a sua acentuada praticabilidade como lavoura de parceria, por ser de ciclo anual. É esse sistema, fortemente disseminado por todo este núcleo rural, que responde em forte dose pelo alto coeficiente de produção dessa cultura, como também

(78) — Relatório da Prefeitura Municipal de Piracicaba – 1918.

pelo seu rápido aumento. Ao que pudemos observar nas nossas pesquisas, talvez nem um fazendeiro do município cultive o algodão por sua própria conta, exclusivamente com mão de obra assalariada.

Vejamos o que dizem Canabrava e Teixeira Mendes sobre esse assunto<sup>(79)</sup>:

“Atualmente, o sistema dominante é o de parceria; introduzido com a colonização e a queda do café, enraizou-se com o desenvolvimento da cultura algodoeira que, por ser anual, é a cultura que mais vantagens oferece ao fazendeiro, e mesmo ao parceiro. Em geral, a fazenda se obriga a entregar a este, pelo prazo de um ano, um certo número de alqueires para o plantio do algodão; além disso, o fazendeiro paga ao parceiro a aração e gradeagem do terreno, à razão média de 120\$000 por alqueire tratando-se de terras já lavradas; nas terras não lavradas, o fazendeiro paga ainda mais 80\$ a 100\$000 pela primeira carpa. Do algodão colhido, metade caberá ao parceiro, metade à fazenda<sup>(80)</sup>. Em muitos casos a esses mesmos parceiros são concedidas terras para o plantio de cereais, à terça.

Esse sistema de exploração de terras tem dado resultados extremamente satisfatórios. Ele não só permite ao fazendeiro explorar todas as suas terras, como facilita ao parceiro inteligente e econômico, os meios de formar um pequeno pecúlio para também adquirir terra, fazendo assim a sua independência econômica e concorrendo ainda para maior difusão da pequena propriedade”.

### *Citricultura*

Se a fruticultura representa, como vimos em páginas precedentes, um quinhão considerável da produção agrícola piracicabana, à cultura da laranja é que cabe o papel mais importante na sua classificação.

A citricultura, explorada para fins de exportação, teve início no município há pouco anos. E, dado o notável incremento que

---

(79) — ALICE PIFER CANABRAVA E MARIA TEIXEIRA MENDES — “A Região de Piracicaba” — in REVISTA MUNICIPAL — vol. XLV — 1938.

(80) — Os dados aqui reproduzidos referem-se à parceria à meia, que é a mais usada na cultura do algodão.



vem tendo, é de assegurar-lhe um futuro de imensas possibilidades, podendo-se mesmo esperar desse ramo de exploração agrícola um dos mais sólidos esteios da riqueza rural piracicabana.

Após um lustro apenas de cultura das plantas cítricas, Piracicaba já ocupa o lugar de destaque entre os municípios paulistas que mais exportam esse produto, intervindo assim com acentuada contribuição para a balança comercial de São Paulo.

Essa lavoura apresenta, no município, feições muito interessantes, observadas pelas autoras que vimos citando, que dizem:

“A *fruticultura*, como o algodão, tomou nos últimos anos um aspecto novo, atual, adquirindo um interesse econômico que antes não era conhecido. Nas velhas terras de cultura, os nossos agricultores não se atreviam a tentar a cultura em grande escala de frutas para a exportação, a não ser da banana, hoje em decadência devido ao mal de Panamá. Os preços animadores alcançados pela nossa laranja nos grandes mercados estrangeiros, fizeram surgir os pomares citrícolas na zona rural e dentro da cidade uma nova fonte de renda apareceu, um novo escoadouro para a mão de obra – o *paking house* – onde trabalham centenas de moças fazendo surgir um novo problema – a escassez de empregadas domésticas. Assim, a economia rural vai exercer influência notável na economia doméstica. O algodão e a laranja são os maiores consumidores de mão de obra feminina.

Nas fazendas o aproveitamento de terras arenosas (fracas para o algodão), para a citricultura, é um fato. Não que a laranja produza melhor em tais terras. É natural que ela prefira as boas terras fofas e profundas, mas o agricultor as melhora com adubação orgânica, antes e depois da colheita, com fósforo e potássio. Apesar do surto enorme da produção da laranja, não existe em Piracicaba, um tipo característico da grande propriedade citrícola, com seus viveiros de mudas e todas atividades decorrentes. A maior plantação de laranja não tem mais do que 18.000 pés. Domina o pequeno proprietário citricultor. Para 830 proprietários existiam 212.348 pés de laranja, em 1934, numa área de 336,25 alqs. em Piracicaba. (Recenseamento demográfico, escolar, agrícola-zootécnico do Estado de São Paulo, 1934).





Com 230.610 laranjeiras de diversas qualidades – computadas nesse número somente as que estão produzindo realmente – o município obteve em 1935 uma safra de 402.300 caixas – que representam 3,2% da produção paulista, orçada em 12.473.415 caixas<sup>(82)</sup> – colheita essa que, no decorrer de mais alguns anos, virá a triplicar, em consequência das plantações que vão sendo continuamente levadas a termo.

Somente durante este último ano citado, foram plantadas no município cerca de 99.120 pés que, somados aos já em franca produção, perfazem o total considerável de 329.730 pés<sup>(86)</sup>.

E, se a produção piracicabana apresenta sobre a estadual uma porcentagem já por si digna de nota, a sua exportação, por outro lado ostenta, em relação ao total paulista, uma significação mais destacada. Recorrendo aos números que representam as exportações estadual e municipal, bem como à porcentagem desta sobre aquela, vamo-nos capacitar plenamente do afirmado, além de constataremos um ritmo de expansão marcadamente progressivo na política de vendas que vem, desde o início, conservando a sua curva ascendente.

A relação das exportações dos municípios paulistas, de 1932 a 1936, exprime, na sua possibilidade de estudo comparativo, o progresso verificado na lavoura citrícola de Piracicaba, que passou, do 7º lugar que ocupava no cômputo geral em 1932 para o 4º lugar, em 1936, ficando-lhe na dianteira três municípios em que aquela lavoura quase assume a feição exclusivista<sup>(83)</sup>:

---

(82) — *Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo – 1935-1936.*

(83) — *Boletim nº 5 da Seção de Fruticultura do Departamento de Fomento da Produção Vegetal – (julho, 1937).*

## EXPORTAÇÃO CITRÍCOLA DOS MUNICÍPIOS PAULISTAS

Procedências	1936	1935	1934	1933	1932
Limeira	485.228	467.424	422.858	444.853	355.347,5
Sorocaba	247.597	227.284	261.276,5	279.219	142.233
(Santos	162.577	77.096	116.694	110.593	58.768
Taubaté (					
(Rio	–	–	–	–	–
Piracicaba	63.526	62.050	43.995	34.727,5	10.276
Campinas	55.426	30.146	42.422	26.407	22.692
Araras	54.550	–	–	–	–
(Santos	45.185	37.135	50.017	24.842	13.917
Jacaré (					
(Rio	–	–	–	–	–
Pitangueiras	41.728	15.388	16.847	13.530	1.792
S. Sebastião	29.037	28.046	9.150	622	75
Caçapava	26.870	11.438	37.101	40.230	45.085
Piraçununga	22.734	18.719	23.936	17.622,5	–
Brig. Tobias	18.326	1.492	18.856	–	–
Guatapar	11.875	–	–	–	–
Rafard	7.359	–	–	–	–
Bragança	5.267	10.979	–	–	–
Osasco	5.803	–	–	–	–
Mogi-Mirim	4.916	4.573	8.048	11.968	–
Cons. Laurindo	2.346	2.180	3.140	2.880	1.886
Valinhos	617	3.758	8.097	8.013	3.522
Outras Localidades	–	35.455	34.013,5	157.916	83.490,5
Totais	1.290.967	1.033.164	1.096.451	1.173.423	739.084

*Cereais*

Piracicaba sempre ocupou lugar de destaque, no cotejo com os demais municípios bandeirantes, como produtor de cereais. Em qualquer época em que se deseje averiguar as cifras de sua produção, vai-se constatar que, por mais restrita tenha sido, sem-

pre consignou o suficiente para que o município, pelo menos, se bastasse a si próprio.

Já em 1900 a safra de cereais em Piracicaba, não só bastava para o consumo próprio, como também para participar do comércio intermunicipal, numa exportação que abrangia São Paulo, Campinas, Itu, Rio Claro, etc. Nessa época, tornou-se impraticável a exportação, de vez que as tarifas impostas pela estrada de ferro Sorocabana, única, então, no município, se fizeram verdadeiramente proibitivas, obrigando os produtores piracicabanos a venderem seus cereais, no mercado local, a preços ínfimos. Basta dizer que o milho e o feijão chegaram a ser vendidos à razão de \$800 e 1\$000 por alqueire<sup>(84)</sup>.

Todavia, a lavoura de cereais no municípios, que vinha do século XVIII, representando sempre ótima fonte de renda para a riqueza local, continuou vingando com galhardia, e assim vencendo todos os obstáculos com que deparou. Já em 1905 as áreas ocupadas pela cultura de arroz, feijão e milho, eram de 348,50 – 384,25 e 2.182,50 alqueires<sup>(85)</sup>.

Daí para cá, a importância assumida por essas culturas é inteiramente surpreendente, acusando uma expansão extraordinária.

Em 1935, as áreas ocupadas por aquelas três lavouras dispensam qualquer comentário, tão expressivo são os números que as indicam: arroz, 2.003,50 alqueires; feijão, 1.130,75 e milho 6.942,50<sup>(86)</sup>.

Como já dissemos, o desenvolvimento da lavoura algodoeira no município, em nada afetou a cultura de cereais que, como veremos, apresenta, a partir de 1931, amplo crescimento, com exceção da lavoura de feijão.

Nesse ano de 1931, as áreas cultivadas com os três produtos eram de: arroz, 1.266,75 alqueires; feijão, 1.436,00 e milho 5.305,50<sup>(87)</sup>. Comparando-se tais Algarismo com os que representam as áreas das mesmas lavouras em 1935, vemos que o campo de exploração de ar-

---

(84) — *Almanaque de Piracicaba - 1900.*

(85) — *Relatório da Secretaria da Agricultura - 1905.*

(86) — *Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo - 1931-32.*

(87) — *Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo 1931-32.)*

roz e milho aumentou, nos três anos, de 736,75 e 1.637,00 alqueires, enquanto o feijão diminuía sua área de 305,25 alqueires.

Não queremos nos furtar ao prazer de transcrever ainda aqui interessantes observações sobre essas lavouras, no município<sup>(88)</sup>:

“Nas grandes propriedades açucareiras, intercalam-se nos canaviais plantações de milho e feijão, nos 18 primeiros meses do crescimento da cana; plantam-se os mesmos, novamente, depois de um ano, antes de novo plantio de cana.

Em algumas fazendas que têm terras desocupadas, adota-se o processo do afolhamento nas culturas anuais – algodão e cereais – o que permite as terras repousarem às vezes, mesmo dois ou três anos. Com o pequeno proprietário dá-se o contrário: ele não dá repouso às terras. Melhora-as, fertilizando-as com adubos e, como lhe falta espaço, aproveita as ruas das suas plantações para intercalar toda sorte de culturas, desde os cereais, até as frutas e os eucaliptos. Assim, encontram-se por toda a parte as culturas mistas: cafeeiros com eucaliptos, com abacaxi ou um cereal qualquer; algodoeiros com milho ou feijão, enfim, um aproveitamento intenso da terra.

Para que se obtivessem rendimentos apreciáveis com tais processos de cultura, era necessário que a mentalidade do lavrador tivesse se transformado. E foi o que se deu, concorrendo para isso duas grandes entidades: as várias seções do Departamento do Formento Agrícola da Secretaria da Agricultura espalhadas pelo Estado todo e a Escola Agrícola Luiz de Queiroz, além do Instituto Agrônômico de Campinas. Provam esta asserção, não só o maquinário agrícola que se encontra em quantidade em todas as fazendas, como a maior utilização de adubos, cujas aquisições feitas em uma só casa comercial de Piracicaba passaram de 120 ton. em 1933 para 370 nos primeiros meses de 1936<sup>(89)</sup>.

(88) — ALICE PIFER CANABRAVA E MARIA MENDES — “A Região de Piracicaba” — in RE-VISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — vol. XLV — 1938.

(89) — Informações fornecidas por uma firma comercial de Piracicaba.



## PRODUÇÃO ANIMAL

Nem todo o solo do município, porém, é usado pela exploração agrícola. Não só o amanho da terra, em Piracicaba, contribui para o aumento de sua riqueza, que se esteia, confiante, na inteligente policultura que acabamos de focalizar. Também encontra aí ótimas condições a zootecnia, que por sua vez concorre com elevada parcela para a economia municipal.

Pode-se mesmo dizer que a sua produção animal constitui de fato um complemento natural da policultura piracicabana, pois trabalhando tão numerosos e variados ramos da agricultura, não seria admissível a inexistência dessa valiosa e necessária atividade agrária, no município.

E, ao analisarmos os índices pelos quais se expressam a pecuária e os demais ramos de produção animal; ao compararmos esses índices com os que espelham o cômputo geral do Estado, vemos que também aqui Piracicaba ocupa lugar de importância, apresentando porcentagens equivalentes às de sua produção agrícola.

### *Pecuária*

Dispondo de larga área de campos e pastagens – 23.084,25 alqueires paulistas – que correspondem a quase um terço do total do município, por suas excelentes condições mesológicas, Piracicaba



oferece campo propício à criação de gado, seja vacum, cavalari, muar, caprino ou lanígero, de que abriga elevado número, bem como de suínos, o que se verifica pelo quadro seguinte<sup>(90)</sup>:

Espécie	Piracicaba	Estado	% sobre o Estado
Cavalari	4.344	552.017	0,787
Vacum	37.193	3.385.300	1,097
Muar	7.561	490.767	1,541
Lanígero	716	106.700	0,671
Caprino	4.282	218.574	1,960
Suíno	37.372	3.809,164	0,981

Das três primeiras espécies de gado, a distribuição entre animais de criação e de trabalho obedece aos seguintes dados:

Espécie	Criação	Trabalho
Vacum	22.023	15.170
Cavalari	477	48.662
Muar	17	7.544

Não obstante seja reduzido o número de animais de criação, quando o cotejamos com o de trabalho, não deixa a pecuária piracicabana de mostrar uma feição realmente favorável, pois comparando-se por exemplo com o número que nos oferece o município de Barretos, reconhecido como essencialmente criador<sup>(91)</sup>, para o que dispõe de 77.926,75 alqueires de pastagens, três vezes portanto mais que Piracicaba, o que se vê é o seguinte<sup>(92)</sup>:

Animais de Criação	Piracicaba	Barretos
Vacum	22.023	15.461
Cavalari	477	396
Muar	17	19

(90) — Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo — 1935-36.

(91) — "Barretos representa, há anos, o mais importante mercado de gado do Estado de São Paulo. Todos os outros, embora não desprezíveis, são de valor secundário" — GUSTAVO ZALECKI — "O problema da carne" — in REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL — vol. XLVI — 1938.

(92) — Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo — 1935-36.

Seria estultice, porém, se quiséssemos com tal cotejo dar a Piracicaba maior importância como centro pecuário. O que tem Barretos, na verdade, é elevada produção de gado para corte, ou melhor, gado de engorda, que os estatisticistas oficiais teimam em misturar com os animais de trabalho. Naquela especialidade, sua produção anual é incomparavelmente maior que a de Piracicaba, pois para o total deste de 15.170 cabeças apresenta aquele cerca de 70.000 a mais, isto é, 85.199 cabeças<sup>(93)</sup>.

Não deixa, no entanto, por isso mesmo, a análise dos números que exprimem a criação de gado nos dois municípios, como já vimos, de ressaltar a significação que esse ramo agrário tem em Piracicaba, que ostenta maior progresso que o “mais importante mercado de gado do Estado de São Paulo”.



Para se avaliar da intensidade com que se tem processado o formento da produção animal no município, é suficiente observar um cotejo entre os algarismos que representam o total existente em 1935 e os que respondem pela produção de 1918, deduzindo-se dessa comparação o invulgar desenvolvimento verificado na pecuária piracicabana:

ESPÉCIE	1918 <sup>(94)</sup>	1935 <sup>(97)</sup>
Bois	16.077	37.193
Porcos	15.712	37.372
Cavalos	8.913	4.344
Cabritos	2.191	4.282
Carneiros	538	716

### *Avicultura e Apicultura*

Como complemento necessário dessa expansão da pecuária, vamos encontrar a avicultura e a apicultura harmonicamente de-

(93) — *Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo — 1935-36.*

(94) — *Relatório da Prefeitura Municipal de Piracicaba — 1918.*

envolvidas no município. Apresentam elas sobre a produção do Estado porcentagens equivalentes às dos seus mais adiantados ramos agrários já comentados.

Ao verificarmos os números que representam a produção da avicultura e da apicultura, vamos encontrar os seguintes resultados<sup>(95)</sup>:

Ramo e Produto		Piracicaba	São Paulo	% sobre o Estado
	Aves (unid.)	199.870	11.965.642	1,670
AVICULTURA	Ovos	2.997.500	179.730.700	1,688
	Colmeias	690	61.385	1,124
APICULTURA	Mel (l.)	5.725	269.066	2,128
	Cera (k.)	690	55.732	1,238

### *Sericicultura*

Ainda, a sericultura tem, no município elevado desenvolvimento, resultando disso poder Piracicaba contribuir com destacada porcentagem sobre a produção total do Estado. Diga-se, de passagem, que o município está situado na região distrital de São Paulo onde com mais intensidade e maior carinho tem-se cultivado o bicho da seda. Neste ramo de indústria animal, Piracicaba pode ser apontado como município de forte produção, pois dispõe de 498.000 amoreiras, ou melhor 7,893% do total estadual, que é de 6.309.000 pés. Sua produção orça em 24.179,500 quilos de casulos, que correspondem também a 7,090% da safra estadual, avaliada em 341.017 quilos<sup>(99)</sup>.

### *Piscicultura*

Para a produção animal do município, contribui ainda a piscicultura, que além do alto rendimento que já alcança, poderá ser explorada em larga escala, desde que sejam lançadas bases racionais para o seu desenvolvimento.

(95) - Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de São Paulo - 1935-36.

Já o dr. Rodolfo Von Ihering nos deu algumas informações sobre as possibilidades que oferece a piscicultura em Piracicaba:

“O salto de Piracicaba é o derradeiro lugar procurado pelos peixes: a piracema não ultrapassa daí. E isto é interessante, dado a lei proibir a pesca nos lugares considerados como pontos de passagem da “piracema”.. Durante o tempo que permaneci em Piracicaba, tive ocasião de notar a extraordinária abundância de peixes daquelas águas. Os pescadores saíam de manhã e regressavam à tarde, com ótimos resultados. E raro era o homem que não voltava com quatro ou cinco “dourados”, de dez a vinte quilos. Ora, sendo o quilo do dourado vendido a dois mil réis em Piracicaba, resulta uma ótima recompensa para um dia de trabalho.

Ao contrário do que muita gente julga, uma pescaria intensa não faz decrescer visivelmente a abundância do peixe. Um pescador é para um cardume o que um balde de água é para o rio. O mal principal não é esse. O mal está principalmente no emprego de lanchas motores, que fazem à proa um “bigode” líquido, que corre com impetuosidade para as margens, balançando os ovos e esmagando-os de encontro as folhas dos vegetais.

Os peixes, quando chega a época da postura, sobem os afluentes do Tietê, e esperam que as condições atmosféricas se tornem propícias. Então, nadam para o meio do rio e depositam nas águas os ovos, que a corrente vai levando, docemente, para as margens. Essas margens devem ser de declive suave e ter erva em abundância. Se tal coisa se não der, se as margens forem a pique, o peixe continua subindo o curso da corrente.

Os ovos, do tamanho de pontas de alfinetes, e cujo embrião é protegido por uma película mais fina do que um papel de seda, são arrastados pelas águas para as margens, ficando retidos pelo capim.

A temperatura tépida das águas e a sua tranquilidade protege o desenvolvimento do embrião. E, dentro em pouco, nas margens começam-se a ver inúmeros peixinhos, que se desenvolvem rapidamente e logo emigram.

Durante as minhas experiências notei que, junto às margens,

havia pequenos canais naturais, que os peixes preferiam, dada a tranquilidade das águas naquelas pequenas baías. Para evitar os inconvenientes dos motores, deviam ser tomadas medidas indispensáveis. Um número regular de baías artificiais, com cerca de dez metros de extensão, seriam suficientes para que nunca faltasse o peixe naquelas águas de abundância maravilhosa<sup>(96)</sup>.

Em 1935, a produção da pesca no rio Piracicaba, controlada pelo Mercado Municipal, foi de cerca de 100.000 quilos de peixes diversos, de cujo total 1/3 foi exportado para Campinas e São Paulo<sup>(97)</sup>.

---

(96) — RUDOLFO VON IHERING — “A pesca em Piracicaba” — in PIRACICABA-DOCUMENTÁRIO — 1936.

(97) — Informações colhidas da administração do Mercado Municipal de Piracicaba.

## INDÚSTRIA AÇUCAREIRA

A indústria açucareira representa, desde os primeiros anos da vida piracicabana, uma das mais sólidas e seguras fontes de renda, servindo, a partir dos primeiros ensaios para a organização política do município até os nossos dias, de índice do seu progresso material e de padrão da capacidade produtiva de seu povo.

De fato, já em 1816, há mais de um século portanto, ainda freguesia e num período em que enfrentava as maiores dificuldades no que se referia a vias de comunicação, Piracicaba ostentava garboso desenvolvimento na sua indústria açucareira, “achando-se já levantados dezoito engenhos de cana e mais doze em disposição de se levantarem”, como afirma um documento da época<sup>(98)</sup>.

Saint Hilaire<sup>(99)</sup> acusa para Constituição (Piracicaba) o total de 78 engenhos em 1939, corroborando, aliás, o testemunho de Daniel Pedro Muller, já citado.

Começava daí o notável incremento à exploração industrial da cana de açúcar em Piracicaba, que viria, no século seguinte, garantir ao município lugar de invejável destaque entre

---

(98) — *Representação do povo de Piracicaba ao capitão-general Conde de Palma, em 17 de junho de 1816* (“Piracicaba-Documentário” 1936).

(99) — A. DE SAINT-HILAIRE — “São Paulo nos tempos coloniais” — Tradução de Leopoldo Pereira — 1922.

os produtores paulistas. Assim é que, em 1877 Piracicaba dispunha de “vinte e cinco engenhos grandes e muitos pequenos”, com uma produção que orçava “50 mil arrobas ou 750 mil quilos”<sup>(100)</sup>.

De então para cá, a sua indústria açucareira manteve-se num ritmo ascendente e intensamente progressivo, compreendendo atualmente cinco grandes usinas e quase trezentos pequenos engenhos disseminados em território piracicabano, com grande irradiação pelos municípios circunvizinhos.

Basta que se diga, sabendo-se a que grau de adiantamento chegou a instrução pública em Piracicaba, que o único ramo de atividade que no município progrediu tanto quanto a instrução, foi a indústria açucareira.

Para se capacitar do aumento sobremodo auspicioso que teve essa indústria no município, basta consulta as cifras referentes à produção no último decênio, que são<sup>(101)</sup>:

	1925	1926	1927	1928	1929
<b>AÇÚCAR (Scs. 60 qs.)</b>	18.000	60.000	180.000	240.000	270.000
<b>ÁLCOOL (l).....</b>	280.000	460.000	1.780.000	1.952.000	2.140.000

	1930	1931	1932	1933	1934	1935
<b>AÇÚCAR (Scs.60qs.)</b>	232.000	330.000	380.000	445.000	420.000	403.000
<b>ÁLCOOL (l).....</b>	1.800.000	2.400.000	1.950.000	1.980.000	1.650.000	1.630.000

Deveras expressivo, um cotejo entre as produções do município e do Estado, durante o mesmo período, demonstra claramente o alto grau de desenvolvimento que essa indústria alcançou em Piracicaba e o importante papel que representa na produção estadual<sup>(102)</sup>:

(100) — M. DE MORAES BARROS — “Almanaque Literário de São Paulo” — 1878.

(101) — Dados fornecidos pela Estação Experimental de Cana de Açúcar, de Piracicaba.

(102) — Dados obtidos na Estação Experimental de Cana de Açúcar.

## PRODUÇÃO DE AÇÚCAR

(Em sacas de 60 k.)

ANO	PIRACICABA	S. PAULO	% SOBRE O ESTADO
1925	18.000	227.000	7,93
1926	60.000	452.000	13,05
1927	180.000	743.000	24,22
1928	240.000	1.036.000	23,17
1929	270.000	1.285.000	21,01
1931	330.000	1.688.000	19,55
1932	380.000	1.890.000	20,10
1933	445.000	2.200.000	20,23
1934	420.000	2.200.000	19,09
1935	403.000	2.100.000	19,19

Produzindo em 1935 cerca de 1.612.000 arrobas, ou melhor, quase um quinto do açúcar paulista, nos demais produtos da cana de açúcar Piracicaba ainda ostenta números significativos com relação à produção do Estado, como se vê em seguida (106):

1935	PIRACICABA	SÃO PAULO	% SOBRE O ESTADO
Açúcar	403.000 scs.	2.100.000	19,19
Aguardente	4.400.000 l.	50.000.000	8,80
Alcool	1.630.000 l.	11.000.000	14,82

Ainda melhor se pode apreciar o valor da produção açucareira de Piracicaba, consultando-se os algarismos que representam a contribuição dos usineiros locais para com os cofres federais. É o seguinte o quadro geral da arrecadação total e das contribuições da indústria açucareira para as duas coletorias federais, durante o ano de 1935<sup>(103)</sup>:

(103) — Informações fornecidas pelas Coletorias Federais de Piracicaba.



1935	RECEITA	ARRECADAÇÃO SOBRE ÁLCOOL	ARRECADAÇÃO SOBRE AGUARDENTE	ARRECADAÇÃO INST. DO AÇÚCAR
Vila Rezende	1.635:330\$200	1.275:597\$000	239:623\$000	22:258\$500
Piracicaba	1.273:034\$300	214:080\$000	169:964\$000	3:098\$400
<b>Total</b>	2.908:373\$500	1.489:677\$000	409:587\$000	25:356\$900

Um exame de tais algarismos demonstra que, da arrecadação de 2.900 contos de réis, que é em quanto montam as rendas federais em Piracicaba, 1.900 contos, ou seja, 2/3 do total são devidos à sua indústria açucareira.

Analisando-se em seus detalhes o quadro supra, veremos que, só arrecadação sobre o álcool fabricado no município ultrapassa as demais rendas, atingindo 51,22%; e que os impostos sobre o álcool e aguardente aí produzidos equivalem a 65% da renda federal, o que vale dizer, à indústria açucareira garante, quase exclusivamente, a alta renda do governo central de Piracicaba.

## OUTRAS INDÚSTRIAS AGRÁRIAS

Quanto às demais indústrias, apenas, porém, no que se refere aos produtos agrícolas, ainda Piracicaba apresenta auspicioso desenvolvimento, consignado flagrante paralelismo entre o que produz o município e o que por ele é industrializado.

Os grandes estudiosos dos problemas econômicos são unânimes em afirmar, com Ferdinando Fried, que “as nações que melhor vêm resistindo à crise não são as que se industrializaram em excesso”, nem aquelas que se limitaram ao papel de simples fornecedoras de matérias primas, – mas sim as que, ao lado de uma perfeita organização agrícola, dispõem de um parque industrial razoável.

Aplicando-se tal preceito aos municípios, pode-se apontar Piracicaba como comprovante típico dessa afirmação, por isso que enquanto outros núcleos excessivamente industrialistas ou exclusivamente agricultores, estão sofrendo abalos profundos em sua política econômica, as finanças municipais piracicabanas denotam um apreciável grau de estabilidade e segurança.

É razoável o progresso industrial de Piracicaba, no que com a agricultura e pecuária se relaciona, como se observa pelos seguintes elementos<sup>(104)</sup>:

---

(104) — Inquérito procedido no município, pelo autor, em fins de 1935.

Especialidade	Unidades	Capitais	Operários	H.P.(Elet.)	H.P. Vapor
Tecidos	1	2.000:000\$	400	500*	
Máquinas Agrícolas	2	8:000\$	3	1	
Benefício de algodão	6	350:000\$	106	150	
Benefício de Arroz	5	79:000\$	11	76	25
Benefício de Café	3	180:000\$	16	70	
Vassouras de Palha	5	7:000\$	13		
Indústria de Madeiras	3	186:456\$	38	-	43
Cal	1	50:000\$	10		
Couros	2	43:000\$	12		
Artefatos de Couro	9	27:239\$	17		
Telhas, tijolos, etc.	14	585:000\$	49	20	
Vinho	1	10:000\$	5	2	
Fecularias	22	190:000\$	41		
<b>Total</b>	<b>74</b>	<b>3.895:695\$</b>	<b>721</b>	<b>319</b>	<b>68</b>

\* Usina própria

### *Indústria extrativa*

Finalmente, queremos, ao encerrar este trabalho, comentar com breves palavras mais este aspecto da estrutura agrária de Piracicaba: a indústria extrativa.

Da área total do município, cerca de um décimo está ocupado por matas e capoeiras, quer naturais, quer artificiais<sup>(105)</sup>. Após intenso desbastamento, que se processou no término do último século, com dois fins imediatos, rendimento no comércio de madeiras, lenha e carvão e aproveitamento do solo para culturas, registra-se novo e benéfico reflorestamento, principalmente pelo eucaliptos, não só preceituado pela moderna técnica agrícola como também pelas possibilidades de lucro na sua industrialização como combustível. Para esse reflorestamento muito concorrem as grandes usinas açucareiras, que têm largos gastos de combustível.

(105) — Recenseamento escolar, demográfico, agrícola-zootécnico do Estado de São Paulo — 1934.

No cotejo estadual de extração de madeiras, o município colocava-se em segundo lugar, no ano de 1896, quando produziu 13.200 metros cúbicos<sup>(106)</sup>.

Entretanto, essa produção veio se restringindo ano a ano, e, já em 1905, cotava-se por menos da metade daquele número; acusou então 6.000 metros cúbicos<sup>(107)</sup>. Mas o reflorestamento, neste passo, deve ter entrado em fase de intensidade, para garantir, senão maior rendimento, pelo menos um regime de estabilidade na produção. Disso teria resultado exprimir-se a produção da indústria extrativa no município, em 1934, pelos seguintes algarismos: madeiras, 4.200 m<sup>3</sup>; lenha, 124.863 m<sup>3</sup> e carvão vegetal, 3.650 sacos<sup>(108)</sup>.



Este trabalho representa apenas simples observações sobre a situação e os aspectos sociais e econômicos do ambiente rural de um município paulista em determinada época, Piracicaba em 1936. O fato de estudarmos uma extensão territorial que não constitui uma região física ou geograficamente delimitada dificultou sobremaneira o nosso mister, pois fomos obrigados não poucas vezes a restringir por demais o nosso campo de visão.

A deficiência, não só de estatísticas mas também de monografias prévias, que alcançamos suprir em parte pelas observações pessoais firmadas durante longo convívio no meio estudado impediu-nos, por outro lado, de realizar um estudo ecológico ou um ensaio social-econômico de Piracicaba.

As nossas observações sobre a realidade rural de Piracicaba limitaram-se todas, como se viu, no ano de 1936, não obstante pudéssemos atualizar muitos dos dados utilizados aqui. Entretanto, como a grande massa de informações sobre o município, práticas neste início de 1939, não apresentasse a mesma atualidade

---

(106) — *Relatório da Repartição de Estatística do Estado de São Paulo - 1896.*

(107) — *Relatório da Repartição de Estatística do Estado de São Paulo - 1905.*

(108) — *Recenseamento demográfico, escolar, agrícola-zootécnico do Estado de São Paulo - 1934.*

cronológica, optamos por aquela data, no que acreditamos não ter cometido erro de grande monta.

Não nos preocupou especialmente a análise da estruturação histórico-social do corpo agrícola do município, pois só acidentalmente tratamos da origem de algumas de suas lavouras e de alguns aspectos agrários mais característicos. Mas quisemos firmemente verificar a situação do corpo rural piracicabano durante o período que sucedeu imediatamente à crise de 1929, a fim de constatar os abalos econômicos e sociais que porventura tivesse sofrido, como os demais municípios paulistas. E concluímos pela afirmação de que Piracicaba não sofreu de modo considerável com a crise geral, pois sua organização agrária já então se caracterizava por uma intensa subdivisão de propriedades e por uma salutar política de diversificação de culturas.

## REFERÊNCIAS

Aguirra, João B. C. – “O Tombamento de 1817” in “Revista do Arquivo Municipal”, vol. X – 1935

Barros, M. de Moraes – “Piracicaba” in Almanak Litterario de S. Paulo – 1878

Canabrava, Alice Pifer & Maria Teixeira Mendes – “A Região de Piracicaba” in “Revista do Arquivo Municipal” – vol. XLV – 1938.

Corrêa Meyer, A. – “A cana de açúcar e a sua industrialização em Piracicaba” – in “Diário de Piracicaba”, 12-11-1938.

Cuba, Paulo – “Um apoio firme para a principal alavanca da produção agrícola” – in “Revista de Agricultura”, vol. XIV – 1-2-1939.

Deffontaines, Pierre – “Regiões e paisagens do Estado de S. Paulo” in “Geografia” – ano 1, n.2 – 1935

Dias, A. de Pádua – “Metereologia e Climatologia” – 1917.

Forjaz, Djalma – “O Senador Vergueiro” – edição oficial – 1924.

Freyre, Gilberto – “Nordeste” – 1937.

Ihering, Rodolfo Von – “A pescaria em Piracicaba” – in “Piracicaba – Documentário” 1936.

Mennucci, Sud – *“Aspectos piracicabanos do ensino rural”* – 1935.

Milliet, Sergio – *“Roteiro do Café”* – 1938

Morize, Henrique – *“Contribuição ao estudo do clima do Brasil”* – 1922.

Mendes, Maria Teixeira – e Alice Pifer Canabrava – (veja este nome)

Muller, Daniel Pedro – *“Ensaio de um Quadro Estatístico da Província de S. Paulo”* – 1838. Reedição literal – 1923.

Neme, Mário – *“Piracicaba-Documentário”* – 1936. *“Piracicaba no século XVIII”* – In *“Revista do Arquivo Municipal”* – vol. XLV – 1938.

Pereira, Juvenal Paiva – *“O problema rural”* – in *“Revista do Arquivo Municipal”* vol. XLVI – 1938.

Prado Junior, Caio – *“Distribuição da propriedade fundiária rural no Estado de S. Paulo”* – in *“Geografia”* – ano 1, nº 1 - 1935

Saint Hilaire, Augusto de – *“S. Paulo nos tempos coloniais”* – tradução de Leopoldo Pereira – 1922.

Sagen, Lyder – *“Dinamarca”* – 1933.

Toledo, João de – *“Escola Brasileira”* – 1925.

Torres, Artur-Filho – *“Expansão Econômica do Brasil”* – 1935

Viana, Oliveira – *“As pequenas comunidades mineiras”* – in *“Revista do Brasil”*, ano III, vol. VIII, nº 31 – 1918.

Zalecki, Gustavo – *“O problema da carne”* – in *“Revista do Arquivo Municipal”* – vol. XLV – 1938.

## PUBLICAÇÕES

Almanaque de Piracicaba – 1900

Boletim nº 5 da Seção de Fruticultura do Departamento de Fomento da Produção Vegetal – julho, 1937.

Dados fornecidos pelas Coletorias Estadual e Federais de Piracicaba.

Dados fornecidos pela administração do Mercado Municipal de Piracicaba.

Decreto nº 9775, de 30 de novembro de 1938, que fixou o novo quadro de divisão territorial do Estado – “Diário Oficial” do Estado de S. Paulo, de 19-12-1938.

Estatística Agrícola e Zootécnica do Estado de S. Paulo – 1931-32, 1932-33, 1934-35, 1935-36.

Gráficos e relatórios da Estação Experimental de Cana de Açúcar de Piracicaba.

O Café: Estatística de Produção e Exportação – 1928

Os municípios do Estado de São Paulo – 1933.

Recenseamento da República dos E. U. do Brasil – 1900.



Recenseamento do Brasil – 1920.

Recenseamento escolar, demográfico, agrícola-zootécnico do Estado de S. Paulo – 1934.

Relatório da Comissão de Estatística – 1887.

Relatório da Repartição de Estatística do Estado de S. Paulo-1896, 1905, e 1906.

Relatório da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo – 1905.

Relatório da Prefeitura Municipal de Piracicaba.

Relatório da Estrada de Ferro Sorocabana – 1934.

## APENSO

### *SÚMULA DAS ATIVIDADES DO GRUPO ESCOLAR RURAL DE DOIS CÓRREGOS*

“O Grupo Escolar Rural de “Dois Córregos” está situado na zona rural do município de Piracicaba no Estado de S. Paulo, no bairro de igual nome – “Dois Córregos” – essencialmente policultor e subdividido em pequenas propriedades cujo número ultrapassa uma centena; os pequenos lavradores cultivam de tudo, desde a batata doce e demais “miudezas” para o abastecimento da cidade próxima, até as culturas de vulto como sejam o algodão, cana de açúcar e café; a silvicultura conta com seus amadores no plantio de milhares de eucaliptus; a sericultura é do conhecimento prático de todos e mesmo a avicultura racional já vai encontrando adeptos.

Os 218 alunos matriculados neste estabelecimento de ensino recebem além das noções comuns aos demais grupos escolares, instruções práticas das diversas atividades agrícolas que se acham distribuídas pelas seguinte seções:

**Apicultura** – com um apiário-modelo possuindo todos os aparelhos e utensílios precisos para a apicultura racional; o colmeal compõem-se de 16 colméias americanas, sistema Langstroth povoa-

das com abelhas italianas, estando a manipulação do mel a cargo dos pequenos alunos: centrifugação, pasteurização e acondicionamento.

**Citricultura** – com um pomar de 500 laranjeiras selecionadas das variedades “Baía” e “Pera” e uma coleção de citrus de 55 variedades; o plantio do pomar foi feito pelos alunos desde a demarcação, estacamento e covamento do terreno ao de plantio, adubação, irrigação, poda e trato de pragas e moléstias, obedecendo à orientação técnica direta do Dr. Silvio Moreira, do Instituto Agronômico que pessoalmente dirigiu os trabalhos. Como sub-produto e para o aproveitamento dos frutos refugos, fabricamos puríssimo vinho de laranjas, licoroso, comparável ao melhor Malaga estrangeiro. Possuímos ainda o nosso viveiro de mudas cuja enxertia foi executada pelos pequenos escolares.

**Horticultura** – com 30m<sup>2</sup> de canteiros para hortaliças e uma coleção de plantas medicinais caseiras; futuramente será a seção fornecedora da Sopa Escolar que pretendemos instituir.

**Jardinagem** – com 200m<sup>2</sup> de canteiros gramados e floridos artisticamente com roseiras enxertadas pelas crianças; coleções de begônias e tinhorões, avencas e samambaias; cactus para ornamentação de interiores; orquidário e prática de enxertia de cactáceos em geral.

**Sericicultura** – com amoreiral para 10 g. de óvulos cuja produção é de 1<sup>a</sup> qualidade.

**Campos de Culturas** – com 24.200 m<sup>2</sup> doado pela Prefeitura local, onde são feitas as culturas de cereais, algodão, etc., para observação e estudo de adubação; é cercado com “cupressus” plantados pelos alunos e o portão de entrada é florido com “primavera rubra” bongainvillea.

**Maquinário Agrícola** – composto de 1 cultivador de 12 discos: 1 cultivador “Plainet Jr.” manual; 1 semeadeira americana, 1 arado, 1 grade de dentes, 1 pulverizador de 100 l. montado sobre rodas, 2 máquinas para extinção de saueiros e 1 centrífugo para mel; a bomba que abasteceu o reservatório de 2.000 litros é acionada por moinho de vento.

**Ambulância escolar** – com pequena farmácia com os princi-

pais medicamentos para os acidentes comuns pela infância, seringa para injeções; inúmeros cartazes alusivos á saúde.

**Campanha sanitária** - iniciada em 1930 com a colaboração do Posto de Higiene local para o combate ao tracoma e tratamento das verminoses cujos casos hoje são quase nulos em comparação aos existentes no início de nossos trabalhos. O Centro de Saúde local não conta, no momento, com pessoal suficiente; a nossa campanha continua tomando as adjuntas o encargo de enfermeiras.

**Reuniões de pais lavradores** - É no nosso campo de culturas que o serviço de Fruticultura, por intermédio de sua Inspetoria, nesta cidade, realiza as diversas demonstrações práticas, experiências, preparo de insetecidas, etc.

Estamos ainda encarregados da distribuição de circulares, folhetos, cartazes, etc. de interesse para a vida rural. Somos também os intermediários das necessidades do bairro e a Prefeitura local, já pleiteando facilidades de pagamento de impostos, reduções etc., já conseguindo turmas ou conserveiros para a estrada de rodagem; muitas cartas vão ao correio por nossas mãos e muitos médicos têm atendido à população em nossa companhia.

**Excursões de estudos** - já realizamos excursões com os alunos a Limeira, em visita à 2.ª Exposição Citrícola; a Nova Odessa visitando a seção da Avicultura da Fazenda Modelo e a Piracicaba, comparecendo a 1.ª Exposição Avícola, tudo com a colaboração da Secretaria da Educação que nos forneceu carro reservado da Cia, Paulista. Promovemos também, juntamente com a Inspectoria de Floricultura local, excursões para os pais lavradores a cidade de Limeira, visitando diversas propriedades modelo em citricultura e à Campinas, percorrendo as diversas seções do Instituto Agrônomico do Estado.

**Exposição de produtos** - Como representante oficial do Estado de S. Paulo, por indicação do Secretário da Educação, comparecemos à Exposição dos Produtos dos Clubes Agrícolas escolares brasileiros, realizada no Rio de Janeiro pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Concorrendo com duzentos e tantos clubes,

consequimos a distinção máxima no certame, o Grande Prêmio “Luiz Pereira Barreto” –Eficiência, Técnica Agronômica – com medalha de ouro e duas primeiras colocações em Apicultura e Indústria Rural, conferidos pelo júri composto de altas autoridades do Ministério da Agricultura.

Possuindo ainda as instituições abaixo que são comuns aos Grupos Escolares:

Cooperativa Escolar funcionando há 3 anos, com movimento de compras e vendas superior a 2 contos de réis.

Caixa Escolar que atende aos alunos pobres.

Orfeon Escolar com piano adquirido com a venda escolar.

Biblioteca Escolar Recreativa e Agrícola, sendo esta composta de mais de 500 volumes, recebendo mensal e gratuitamente 35 revistas especializadas, sendo 11 do estrangeiro.

Contamos dotar o estabelecimento de cinema educativo e equipamento sonoro”.

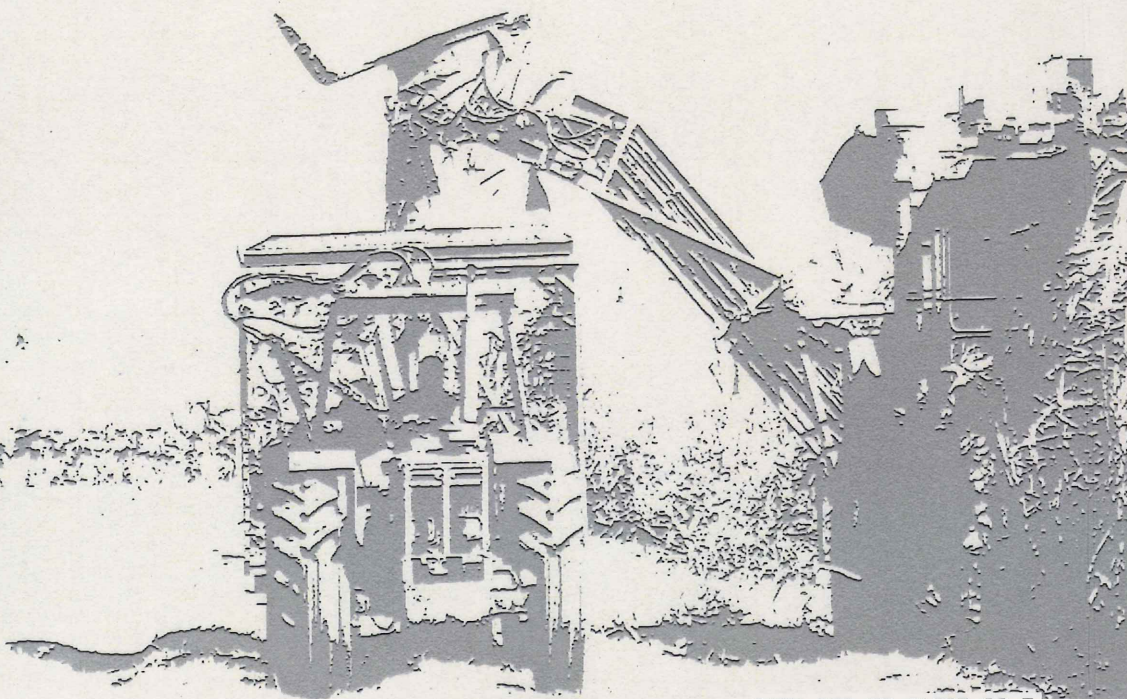
(Do “ Diário de Piracicaba”, de 4-4-1939).



INSTITUTO  
HISTÓRICO E  
GEOGRÁFICO DE  
PIRACICABA



**PIRACICABA**  
Prefeitura do Município  
**Ação Cultural**  
Secretaria Municipal



ISBN 978-85-61237-32-5



9 788561 237325



**EQUILIBRIO**  
editora